N.º 5 / FEVEREIRO 1972 / ANO I

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
L. Marques	**A Realização da Mulher** Caminhemos para a Frente	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	5
J. Carlos	**Visita a Kiel**	6
S. Elpídio/A. Chuquere	**A Pátria Honrai**	7
B. Mendes	**O «Ericeira»**	8
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** A Pintura como Objecto	10
O. Lemos	**Bibliografia**	13
C. Junça	**Saibam Todos**	13
S. Machado	**Ultramar** Cuando, Cuito e Cubango – *Três grandes rios onde a Marinha está presente*	14
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	16
Redacção	**Voz da Abita**	17
Alunos da Escola Comercial Patrício Prazeres	**Portugal Vencerá**	18
C. Junça/S. Elpídio	**Curiosidades**	21
P. Caeiro/P. Borges	**Desportos** O Desporto nas Forças Armadas	22
S. Elpídio	**Reportagem**	25
C. Junça	**No Mundo Aconteceu**	30
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

Lisboa abre as portas à «Sagres» – *(Foto do 1.º sarg. L – M. Horta)*

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 5 / FEVEREIRO DE 1972 / ANO I

Preço de venda avulso	3$00
Assinaturas anuais:	
Continente e Ilhas	24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima)	26$00

Na capa:

A Fanfarra da Armada abre o desfile
Foto do cap.-ten. EMQ A. Lourenço

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

O MUNDO FICOU MAIS POBRE

Morreu Maurice Chevalier, aquele francês bem disposto que se celebrizou a cantar. O Mundo assistiu emocionado à sua lenta agonia e chora a sua perda.

Com o característico chapéu de palha e o seu ar jovial, Maurice era um símbolo da França e cidadão do Mundo! Respirava felicidade e irradiava simpatia. Sempre o considerámos como a verdadeira imagem da alegria de viver.

Não vai ficar na história da França, na que se escreve nos compêndios e se ensina nas escolas, mas vai ficar, isso sim, na que se escreve nos corações com as penas da saudade.

Há pessoas – homens e mulheres – que não deviam morrer porque a sua vida é dedicada aos outros. Dá-lhes prazer, dá-lhes boa disposição... Inspira amizade e fraternidade... Inspira compreensão entre os homens e as nações... Inspira paz e harmonia... Maurice era um desses.

A «Revista da Armada» associa-se ao luto da grande nação francesa prestando homenagem a esse genial artista que tão bem a representou e tanto a prestigiou.

A Realização da Mulher

Caminhemos para a frente

É humano, corresponde à evolução natural e exigente da vida moderna, é mutação irreversível o trabalho feminino. Por si só, está a impor-se aqui como se impôs já em outros países em que as sociedades se viram mais cedo atingidas pelo afã incontrolável do progresso. É característica dos tempos que correm o contributo da mulher para a manutenção do agregado familiar. Também é característica dos tempos que correm não necessitar o lar, por vezes, do concurso da mulher, mas desejar ela um *hobby*, querer a sua independência, etc.
De tempos a tempos, vem à estampa o testemunho autorizado de uma mulher salientando o papel feminino nas actividades hodiernas; que é imprescindível e corresponde a uma necessidade da sociedade de agora; que é um lídimo desejo de cooperar e até competir com o homem em todas as tarefas e actividades da conjuntura actual, etc.
Pela veemência que transparece em tais notícias, pelos *slogans* «realização da mulher», «revisão dos direitos», «discriminação de salários», etc., parece, até, que o elemento feminino não está verdadeiramente seguro da razão que lhe assiste.
Porém, salta à vista que na vida corrente – tanto nas actividades oficinais como em todos os graus da actividade intelectual e em múltiplos sectores artesanais – a mulher não só rivaliza com o homem como, por vezes, a ele se sobreleva.
Ninguém duvida da perícia da mulher frente a uma fresa, um torno, um tear, no imbricar de um induzido, na electrónica, nas embalagens, etc. Mais: hoje já ninguém põe em dúvida a aptidão da mulher para o volante de uma viatura auto, para a condução e utilização de outras máquinas e aparelhos, na fábrica, no campo!
A mulher, pela sua natureza e constituição, é um ser especialmente dotado para as tarefas que pela sua infindável repetição se tornam monótonas ao homem e para outras, ainda, que a ele se tornam exaustivas pela sua pequenez, delicadeza, constância, etc.
E assim, hoje, espraiando a vista em toda a volta, damo-nos conta que em pouco mais de dez anos a Mulher Portuguesa, avassaladoramente, marcou posição em importantes sectores da vida nacional. E da sua aptidão e rápida adaptação estão à vista os resultados.
Dia após dia, mais e mais a mulher se compenetra do seu papel na sociedade e, paralelamente, o homem, o chefe, o gerente, o administrador, dá conta da sua especial qualificação em todas as actividades modernas e para a sua beira a chama, mais o seu concurso solicita.
Há, no entanto, um sector para o qual a nossa mulher ainda, pràticamente, se não revelou – excepção feita às enfermeiras pára-quedistas já em serviço no Ultramar –, sector, aliás, repleto de actividades perfeitamente consentâneas à sua natureza: as Forças Armadas.
Este é um fenómeno quase inexplicável se atendermos a que a mulher é especialmente dotada para certas tarefas subsidiárias da ciência e arte da guerra: secretaria, enfermagem, condução auto, comunicações, etc.
Sendo as ciências militares, mesmo em tempo de paz, das mais nobres e dignas, natural seria que a mulher só se sentisse perfeitamente realizada quando com o homem igualmente compartilhasse dos labores que a sua natureza permita; que a seu lado permanecesse para ajudar a manter o grande edifício de que tudo se espera para a defesa da Pátria.
Se atendermos, porém, que estamos em guerra vai para onze anos, aquilo que em tempo de paz é voluntariado e colaboração altruísta, em tempo de guerra aparece como obrigação, como dever.
Em todos os países em guerra a mulher tem desempenhado papel relevante na prestação de serviços adequados, de modo a permitir libertar homens para sectores de maior actividade, esforço ou risco.
Em todos os países em guerra se verificou a valorização da mulher por virtude da sua contribuição para o esforço comum. Em todos eles a sua repu-

tação subiu alto e mais se impôs por tal contribuição. E a nós parece que é através de tais tarefas e esforços que a mulher se realiza completamente. Que é justamente através destes serviços qualificados que a mulher patenteia todas as suas potencialidades. As características próprias só aqui podem ser devidamente postas em evidência e aproveitadas. Os dotes específicos da sua compleição física, moral e psíquica também aqui, ao serviço da Pátria, podem encontrar expressão adequada. Não duvidamos, pois, que a Mulher Portuguesa, a todo o momento, se compenetrará de que é chegada a altura de com o homem compartilhar em outras grandes causas da vida. Nunca é tarde para que a mulher tome a parte que lhe é devida na salvaguarda do património da Nação.

Foram célebres, e ainda o são, os corpos voluntários femininos durante a Primeira Grande Guerra, mas, sobretudo, no último conflito mundial, em ambas as partes em luta, nos mais variados sectores da actividade. Honrosas tradições, exemplos magníficos de abnegação, competência, patriotismo e coragem em múltiplos campos da actividade militar.

Quem não conhece, pelo menos, as iniciais dos seus nomes nos três ramos das Forças Armadas dos aliados ocidentais? Quem não conhece o drama de heroísmo da Mulher Francesa da Resistência? Quem não ouviu falar dos corpos da contra-subversão da Indonésia e do Vietname?

Quando se verá uma Mulher Portuguesa envergando uma farda dos serviços auxiliares do Exército, da Marinha ou da Força Aérea subir o tablado do Terreiro do Paço, no 10 de Junho, para que lhe seja imposta a medalha de serviços distintos ou de valor militar, patenteando alto a dignidade e a honra da sua missão ao serviço da Pátria? Quando é que a Mulher Portuguesa receberá o justo galardão pelas suas incontáveis qualidades e dotes postos ao serviço da Pátria? Quando é que, afinal, a Mulher Portuguesa se realiza completamente?

Avancemos no sentido do progresso e da valorização da Mulher Portuguesa.

Caminhemos para a frente.

L. Marques

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE FEVEREIRO

2-2-1509, D. Francisco de Almeida tem em Diu «uma das maiores batalhas navais da História. A vitória portuguesa foi retumbante; Mir Hacem desembarcou, fugindo por terra, e as suas galés foram afundadas».

6-2-1548, o capitão-mor Manuel Mendonça parte para a Índia comandando uma força naval constituída por cinco naus: «Biscaínha», «Sicião», «Santa Maria», «S. Sebastião» e «Santa Maria da Ajuda».

10-2-1502, Vasco da Gama, nomeado almirante do Mar da Índia, parte para Goa com 15 navios.

17-2-1869, nasce em Lisboa o almirante Gago Coutinho, geógrafo, navegador e historiador brilhante que, na companhia do comandante Sacadura Cabral, haveria de fazer, em 1922, a 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul, utilizando um sextante especial de sua invenção.

18-2-1958, morre em Lisboa o almirante Gago Coutinho.

Visita a Kiel

«Alm. Pereira da Silva» atracado em Kiel junto a vários navios de outros países

Ao longo de quase quinze anos de vida na Armada é-me grato verificar que me foram dadas oportunidades de conhecer novas gentes, credos e costumes, vivendo por períodos mais ou menos longos no seio de várias comunidades. Em todas elas vi com grande prazer o modo afável com que a nossa Armada é recebida.

Porém, desejava destacar e dar a conhecer, em resumo, o que foi a representação da Armada Portuguesa no Kieler Woche 1971.

O N. R. P. «Almirante Pereira da Silva» deslocou-se à cidade de Kiel afim de representar Portugal nas festas da cidade.

Para os mais novos talvez não se fizesse sentir a frieza com que éramos olhados nos dois primeiros dias da estadia, mas, para quem já se pode considerar veterano nestas andanças, não lhe pode escapar o mais ínfimo pormenor. Na realidade, pareceu, até certa altura, que o marinheiro português não era bem recebido naquelas latitudes.

Passadas que foram as primeiras impressões e quando a um olhar mais frio, característico talvez daquelas gentes, sem intenção de melindre, o português respondia com um *Hello friend!*, numa inexpressiva pronúncia certamente bem compreendida pelos alemães, era como se os paralelos 38N e 54N fossem um só, como se Portugal e Alemanha fossem vizinhos. Nasciam amizades, travavam-se conhecimentos, renasciam, se é que tinham morrido, os sentimentos hospitaleiros daquele povo. Para os portugueses ali radicados, a «Pereira da Silva» foi um pedaço do solo pátrio que chegou levando-lhes o calor do seu povo e a todos envolvendo num abraço de saudades.

Graças à excelente camaradagem e colaboração entre TODOS os elementos da guarnição, a representação portuguesa nas tradicionais festas de Kiel foi condigna.

A todo o passo se via um português em franca camaradagem com alemães, sendo de realçar também a amizade existente entre os portugueses e os marinheiros estrangeiros de vários países que lá se deslocaram com o mesmo propósito. Em várias ocasiões se confraternizou com eles. Nos bailes organizavam-se marchas em que se integravam marinheiros de todas as nacionalidades ali representadas. Troca de lembranças, brindes, saudações e fomento de amizade eram o pão nosso de cada dia, num inglês mais arranhado do que perfeito, mas suficiente para que a nossa estadia em Kiel seja lembrada por todos durante largo tempo.

Despedida ao som de marchas executadas pela Banda da Armada Alemã, a exemplo do que havia sido à nossa chegada, a «Pereira da Silva» levou ao cais muitas dezenas de pessoas de várias camadas sociais numa emocionante despedida. Não quis esse povo proporcionar um adeus frio àqueles que, sem receio de faltar à verdade, entre todos, mais profundamente atearam a centelha da fraternidade conquistando as suas boas graças.

Deslocou-se então em massa à entrada do canal, para, durante a nossa curta estadia atracados ao molhe, acenar dezenas de vezes, sem desfalecimento, num adeus sentido com mágoa, como dizendo, não verdadeiramente adeus, mas sim, até breve. Acrescento, ainda, que várias pessoas, talvez ligadas a elementos da guarnição por mais que simples laços de amizade, mas sempre de realçar, se deslocaram por terra, em carros, adiantando-se ao navio durante a sua deslocação no canal e esperando-o em sítios mais estreitos para um último aceno.

Processou-se depois o regresso à Pátria, numa viagem feliz em que o bom tempo imperou. Toda a guarnição viveu horas de euforia durante a estadia em Kiel.

Na viagem, e depois dela, choveram comentários relembrando um passado recente que calou fundo nos nossos corações. Mas o regresso ao seio da família a breve trecho fez que a ida a Kiel seja já do passado; esquecida, nunca, pois tal será impossível, mas outras comissões se seguirão, tornando-se necessário paz de espírito para novas emoções. No entanto, e na maioria dos casos, aquela viagem é relembrada amiúde com troca de correspondência, sendo para alguns alimento de um sonho e para outros, num futuro ainda distante, preciosa peça do seu pequeno «Museu de Recordações».

E no fim de tudo, no ambiente familiar, de pantufas calçadas, brincando com os filhos ou conversando com a esposa e lembrando horas vividas, terão de concordar que afinal a nossa casa é sempre o «doce lar»!

J. Carlos
Cabo C

a Pátria honrai

Madrugada do segundo dia de uma operação, algures na província de Moçambique. Ao Destacamento N.º 5 de Fuzileiros Especiais compete a acção de assalto a um forte dispositivo de defesa duma base inimiga. O marinheiro fuzileiro especial n.º 1436/67 – José Carlos, na altura ainda grumete, é o primeiro homem da coluna de assalto e cabe-lhe a difícil missão de apontador da *MG-42*. Sùbitamente avista um grupo de guerrilheiros, já em fuga; corre sobre eles, abrindo fogo com a sua arma; esta encrava-se após o primeiro tiro, mas o marinheiro José Carlos continua a correr sobre o inimigo, empolgando os camaradas que o seguiram, em breve se concretizando a tomada da base.

As elevadas qualidades de abnegação, coragem, sangue frio e decisão classificam o marinheiro FZE n.º 1436/67 – José Carlos como um importante elemento do Destacamento N.º 5 de Fuzileiros Especiais, sendo bem merecedor da medalha de Cruz de Guerra de 4.ª classe com que foi condecorado.

N. R.: *Esta praça é natural da freguesia de Morais, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança.*

CRUZ DE GUERRA

1.ª classe

1.º ten. Vasco Fernando Leote de Almeida e Costa – Guiné (1967)
1.º ten. António Luís de Carvalho Moitinho de Almeida – Guiné (1967)

2.ª classe

1.º ten. Joaquim Manuel Vaz Chaves Ubach – Guiné (1966)
2.º ten. Henrique João Pais Vacas de Carvalho – Guiné (1967)
2.º ten. R. N. António Simas de Oliveira Vera Cruz – Guiné (1966)
4695/Mar. FZE – Adelino O. Stoca Ruas – Moçambique (1968)

3.ª classe

4882/1.º sarg. FZ – Manuel Joaquim Borges – Moçambique (1968)
7083/2.º sarg. FZE – António Maria Esperança – Moçambique (1967)

4.ª classe

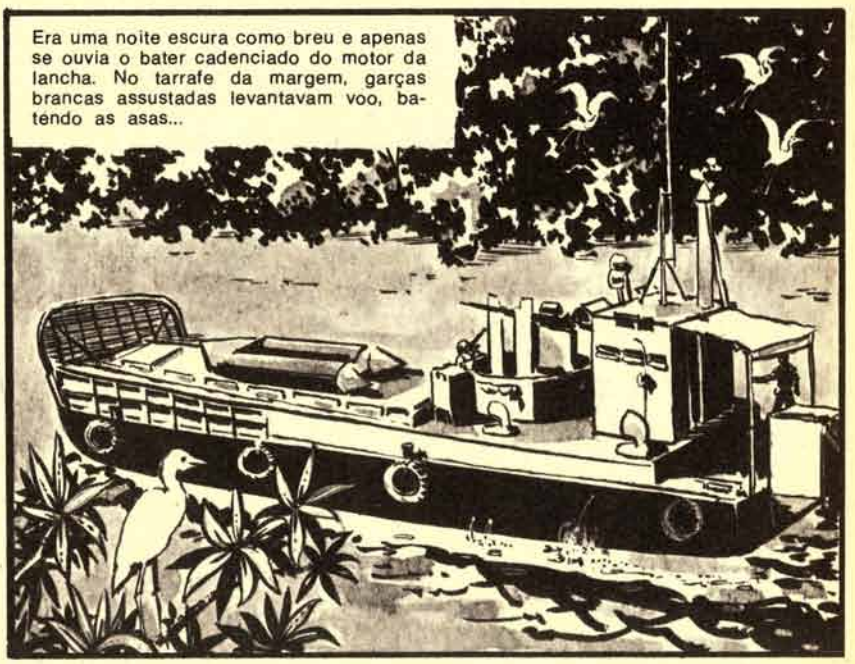
4527/1.º sarg. FZE – Lavro Vilas Real – Moçambique (1968)
4368/C. FZE – José Rodrigues O. Saco – Guiné (1968)
7855/C. C – Joaquim C. da Silva – Guiné (1968)
1587/64/Mar. A – Manuel L. L. da Silva – Guiné (1968)
629/66/1.º gr. A – Manuel Santana Carvalho – Guiné (1968)

O "ERICEIRA"

TEXTO EXTRAÍDO E ADAPTADO DOS "ANAIS DO CLUBE MILITAR NAVAL"

ADAPTAÇÃO E DESENHOS DE BAPTISTA MENDES

Eduardo Henriques Pereira nasceu na Ericeira, em 1946. Entre pescadores cresceu e se fez homem. Não admira pois que, na altura de defender a Pátria, se alistasse como voluntário na Armada.
Naturalmente expansivo e muito conversador, cedo se tornou figura popular. O «Ericeira», como o alcunharam, não era só de palavras. Quando passava à acção era uma autêntica força da natureza. Embora de figura franzina, era de têmpera rija, destemido.


Era uma noite escura como breu e apenas se ouvia o bater cadenciado do motor da lancha. No tarrafe da margem, garças brancas assustadas levantavam voo, batendo as asas...

Com água e lama pela cintura os fuzileiros foram avançando até terra firme. Depois seguiram pelas bolanhas alagadas...
– Vamos rapazes!
BAPTISTA MENDES 1992-

Clareava o dia quando o ataque se deu. A granada de *bazooka* explodiu, atirando o «Ericeira» ao chão. Dois camaradas torciam-se com dores.

O comandante deu ordem para envolver o inimigo. Contudo, o fogo era tão intenso que não parecia possível executar a manobra...

– *Estamos aqui parados a fazer o quê?...*

– *Cala-te e abriga-te, «maçarico», se não «encalhas» já...*

Mas o «Ericeira» levanta-se e, correndo, saltando, agachando-se, lança-se na direcção do inimigo, indiferente às balas que sibilam à sua volta. Alguns companheiros seguem-no, então, enquanto outros cobrem o avanço com *bazookas* e metralhadoras pesadas...

– *A eles!*

Quando o «Ericeira» entrou na mata ainda viu os «turras» a fugir. O combate acabara...

– *Bravo, «Ericeira»! Salvaste o destacamento duma situação difícil.*

Nas primeiras operações chegou a ser admoestado pelo comandante, porque, ao soarem os primeiros tiros, como por encanto, desaparecia a ordenança, pois o «Ericeira» saltava imediatamente em direcção ao inimigo. Sempre se haveria de destacar nas operações em que entrava. Nada receava. E era correcto, leal e amigo de todos os camaradas. Mais de uma vez arriscou deliberadamente a vida para tirar companheiros de apuros. Numa licença que veio gozar à Metrópole salvou, na Ericeira, um pescador que caíra ao mar, com mau tempo, e que a rede prendera. E logo a seguir, na Guiné, salvou um nativo que caíra a um rio caudaloso, onde havia jacarés.

O «Ericeira» regressou à Metrópole. Mas o sangue fervia-lhe nas veias. Três meses depois embarcava para a Guiné, novamente como voluntário, no D.F.E.7.

– *Foi só o tempo para matar saudades de minha Mãe...*

Quando regressou, trazia uma Cruz de Guerra, vários louvores e mais alguns episódios vividos em que a sua temeridade fora o fulcro da acção.

Três meses após ter chegado, partia, agora para Angola, e de novo como voluntário, noutro destacamento...

O «Ericeira» morreu em Angola, numa madrugada chuvosa. Uma bala perdida ceifou a vida ao heróico fuzileiro...

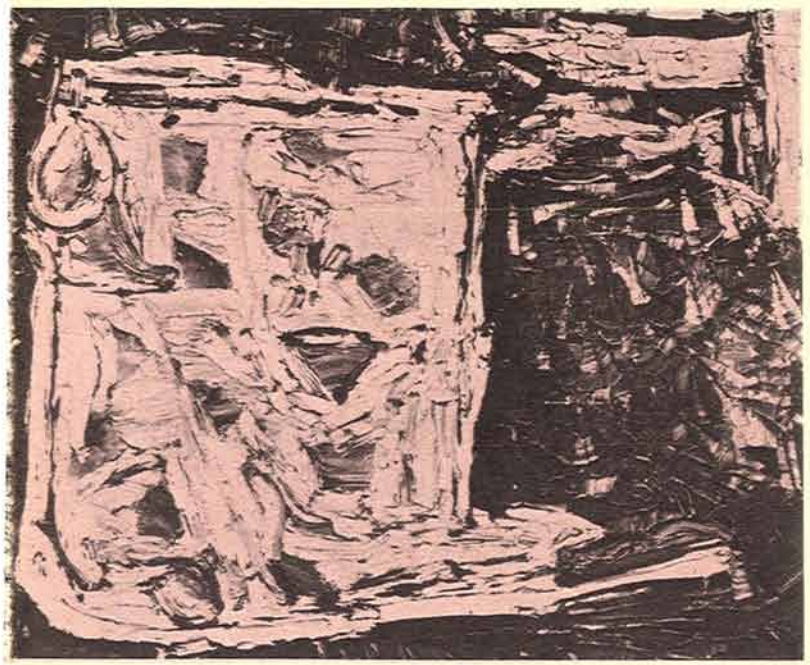
No dia do seu funeral, o comércio da Ericeira encerrou as portas e, pode dizer-se, todo o povo da terra que foi o seu berço lhe prestou a última e justa homenagem, incorporando-se no funeral.

a pintura como objecto

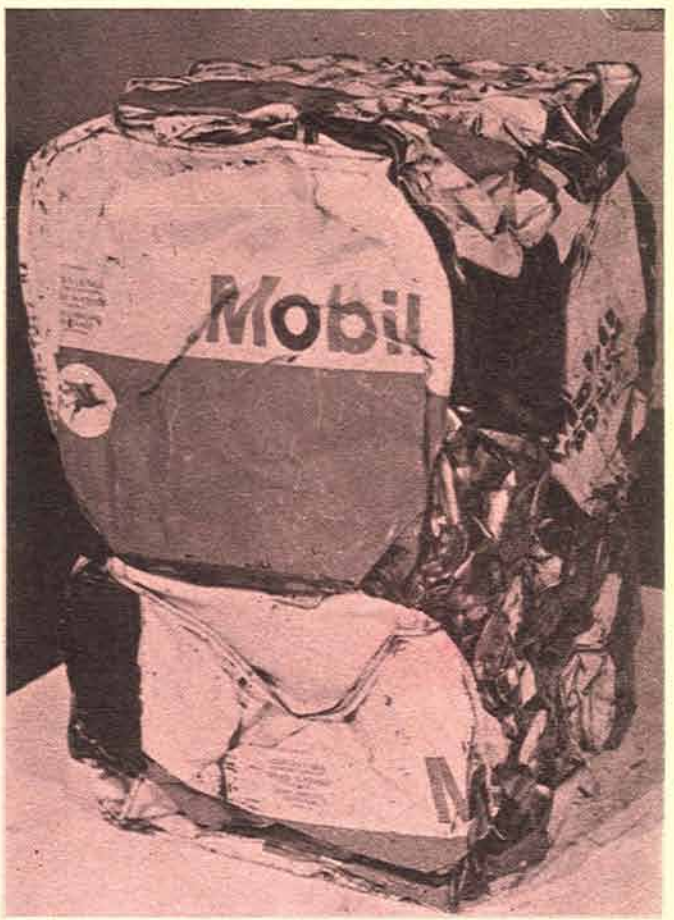
Para uma possível compreensão da pintura actual

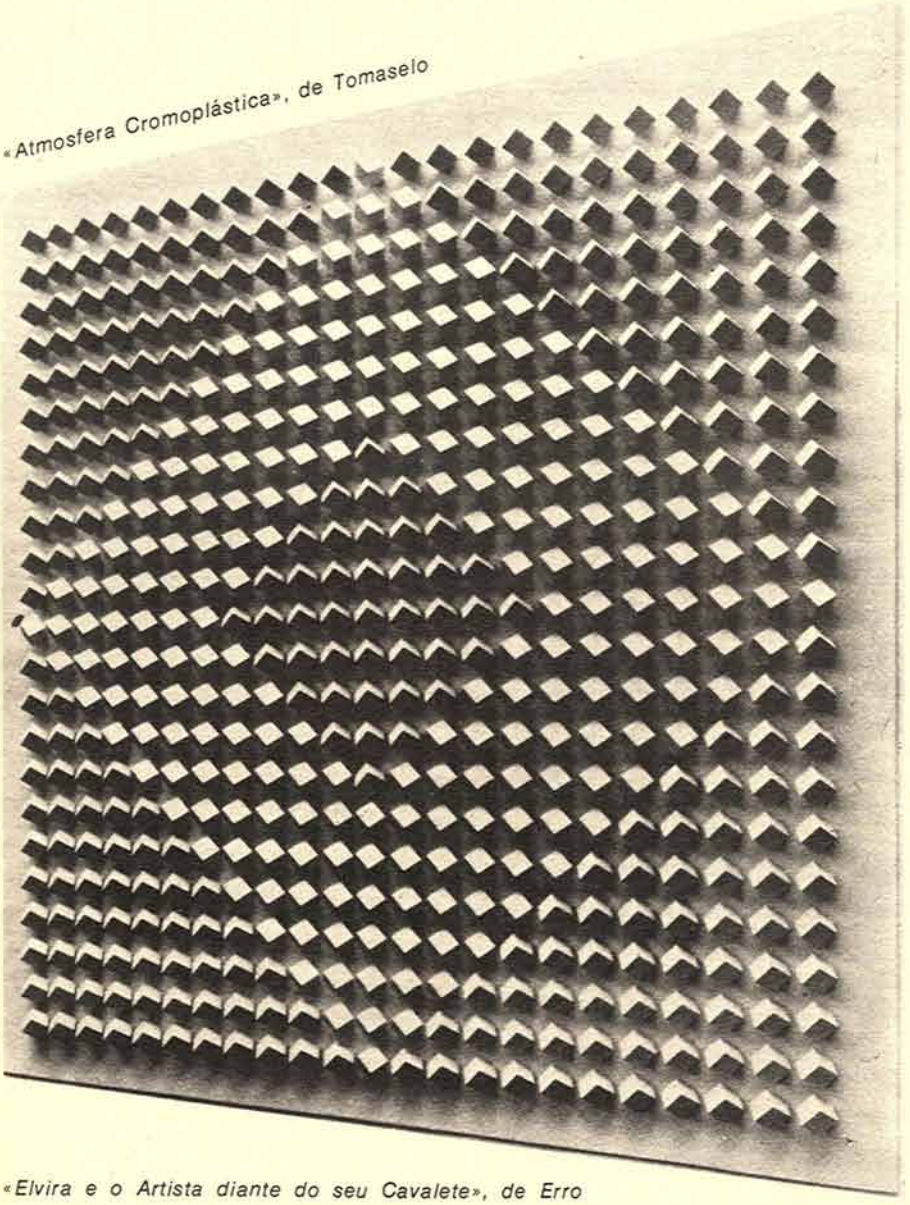
Aquela relação pintura - objecto a que com simplicidade se recorria para a compreensão ou validade de uma obra de arte tem vindo a ser posta em causa de há cem anos a esta parte. A representação, nos seus mais variados aspectos e tipos característicos, forneceu a base de toda a história da pintura até há cem anos. A arte figurativa, apoiada total ou parcialmente na realidade, assumiu com o Realismo as formas mais fiéis (pretensamente exactas) de representação. Mas, em toda a história da Arte, a representação foi sempre função do artista, da sua particular visão da realidade. O mesmo objecto, a mesma realidade eram apresentados de modo vário, consoante os artistas e as épocas. As diferenças que se registam não têm pois origem no objecto real nem a ele pertencem. Só podem ter fundamento, portanto, na subjectividade, no íntimo do artista. Isso levou a pensar que a

«Almoço na Erva», de Riopelle (1963)



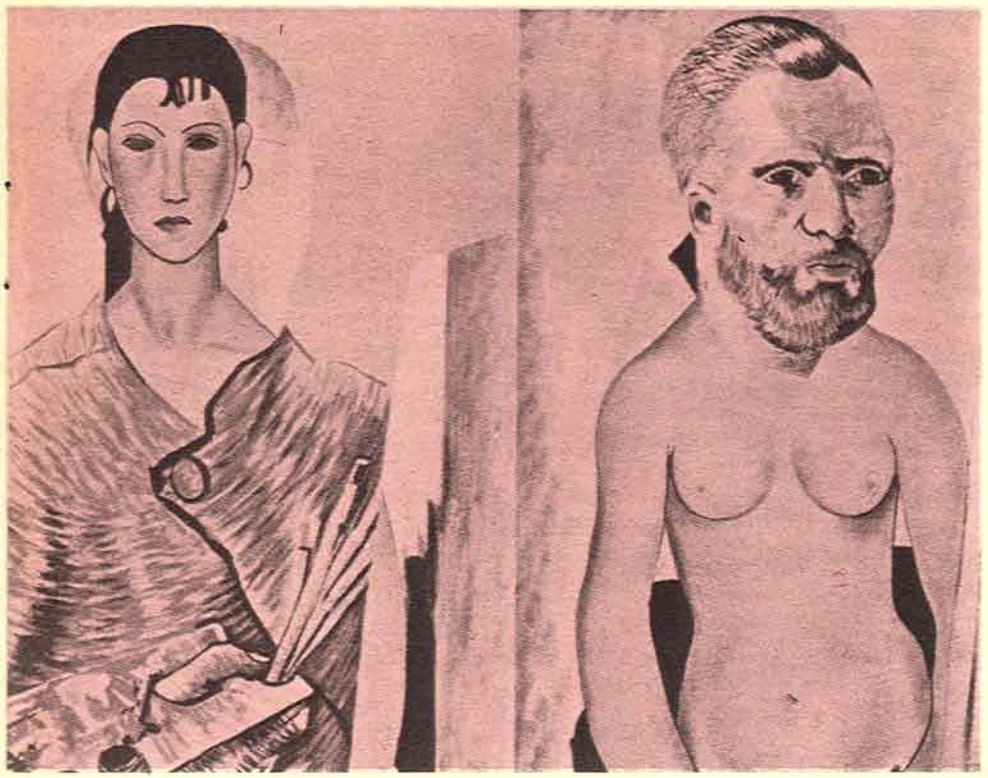
«Compressão Mobil», de Cesar (1960)





«Atmosfera Cromoplástica», de Tomaselo

«Elvira e o Artista diante do seu Cavalete», de Erro

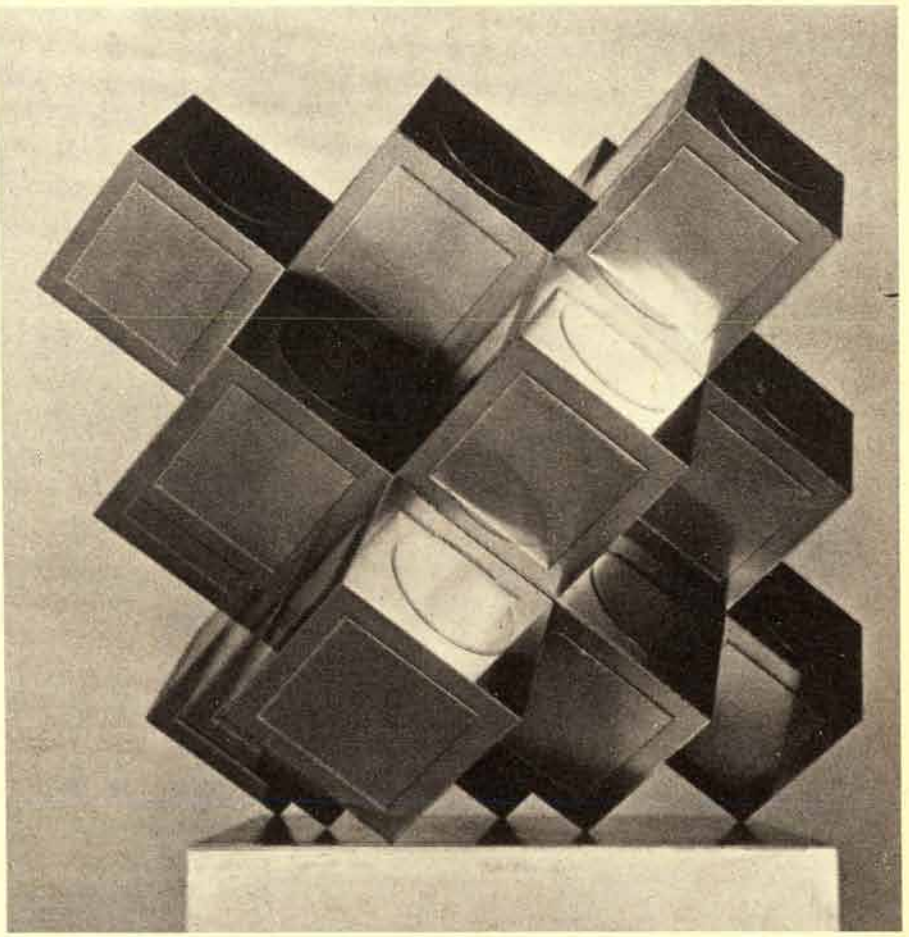


pintura, por exemplo, é uma realidade em si, realidade que lhe é conferida pelo simples gesto de pintar. Então, aquilo a que usualmente se chama o *quadro*, e que o comum dos mortais associa à ideia de pintura, deixou de ser a representação a que a sensibilidade do artista conferia especial valor estético – deixou de ser o elo de relação entre o homem e o objecto da representação para se tornar, ele próprio, *objecto*. Basta examinar as três interpretações de um mesmo assunto – «Almoço na Erva» – apresentadas por Giorgione (séc. XVI), Manet (1863) e Riopelle (1963) para nos darmos conta disso.

O *quadro* acaba por se tornar uma *forma*, um *objecto* que não é imagem seja do que for e que só tem razão de ser e realidade na sua própria materialidade pictórica.

O Realismo esforçou-se por identificar o mais possível a representação com o objecto, pretendendo abolir a distância que, por força das circuntâncias, sempre separa um do outro. O objecto puro é inacessível, por isso o Impressionismo, para o apreender, procurou captar do *objecto* aquilo que era possível reter – a aparência. Noutros casos, como, por exemplo, o de Cezanne, o *objecto*, dada a sua inacessibilidade, é posto de parte e será *reconstruído* pela pintura. O *objecto* é agora uma criação própria, inerente à pintura. Esta deixou de ser, portanto, uma representação no sentido clássico do termo. Foi esta atitude que abriu o caminho para a arte contemporânea. Daqui até à pintura como simples gesto, que tem a sua própria razão de ser na vontade de pintar, vai apenas um salto. A *pintura* passa a ser aquilo que o pintor apresenta como tal. Na fecundíssima variedade de gestos picturais (e Picasso é disso um exemplo) pode acontecer que toda a referência ao objecto seja posta de parte – por desnecessária –, daí resultando a pintura abstracta, sem referente objectivo.

«Kroa B», de Vasarely



Apesar de tudo, e mau grado as intenções de muitos artistas abstraccionistas, a relação com a natureza ou a sua dependência dela, é mais flagrante do que as aparências sugerem. Ainda há pouco tempo o eminente historiador, crítico e estudioso das artes René Huyhes, em conferência que teve ocasião de proferir no auditório da Fundação Gulbenkian, mostrou que a arte abstracta poucas formas novas nos transmite que não estejam já esgotadas pela natureza quer nas suas mais elementares estruturas atómicas ou moleculares quer nas suas formas microscópicas ou macroscópicas de vida, revelando-se, afinal, de uma fecundidade de invenção que ultrapassa toda a expectativa. E comparou a esbanjadora profusão dos gestos a que hoje se assiste na Arte com essa mesma *singularidade* da natureza que *desperdiça* milhões e milhões de células germinativas para eleger apenas uma que, efectivamente, vai interessar à criação.

Na Arte, a validade do gesto, é uma interrogação posta à Humanidade que o tempo, através dela, resolverá!

Em muitos casos, o *quadro* deixou de ser um rectângulo emoldurado onde a pintura se realiza para ser, exactamente, o contrário – um objecto como qualquer outro que se pode usar como qualquer coisa. Aparentemente, isso conduz à destruição da pintura, como pretendiam os dadaístas há cinquenta anos, ideia que, de certa forma, se reflete na *pop arte* dos nossos dias. Explora-se o *quadro* ou o *objecto-pintura* através de facetas a que a arte fora alheia – a contestação, a *piada* (ridicularizando o objecto na sua função social), o *pires* (explorando o ridículo, a mediocridade, o grotesco e a inadequação).

Quando Erro, artista islandês, troca as cabeças a um auto-retrato de Van Gogh e a uma figura de mulher de Modigliani poderá estar a fazer contestação ou poderá estar a fazer outra coisa qualquer que lhe venha à cabeça. Duvidamos, no entanto, da legitimidade disso... Mas quando essa pintura figura como protótipo numa mostra de arte francesa dos últimos vinte anos ficamos a pensar...

Parece assistir-se ao fim da *pintura*... Agora, o *não quadro* pretende gozar das propriedades que eram atribuídas ao *quadro* e o *não pintor* dos atributos do *pintor*. E é nesta atmosfera que a arte contemporânea caminha.

A pintura lança mão de materiais que nunca fizeram parte do seu arsenal e na exploração de novas técnicas tudo parece legitimar-se desde que se apresente suficientemente novo, inesperado e sensacional.

A um mundo de imagens sucede agora um mundo de objectos, com o seu simbolismo e o seu código interpretativo.

Quando um pretenso artista (e talvez o seja mesmo) apresenta fundidas em bronze três garrafas de coca-cola ou quando outro acrescenta um par de seios a uma delas e lhe chama «Nu Americano» ou apresenta uma lata de óleo amarrotada e lhe dá o nome de «Compressão Mobil» ou constrói um hipopótamo e lhe dá as funções de banheira e lavatório situa-se nesta última linha. As serapilheiras, os plásticos, os recortes, o arame, o vidro, os acrílicos ganharam os seus adeptos e adquiriram invulgar expansão como materiais de pintura. E o conteúdo? Alguns destes artistas modernos gostam de falar de mensagem; para outros, falar disso seria como se lhes falassem do diabo – vêem nisso um insulto. Uma coisa é certa – é difícil saber onde reside a verdade... Mas, de toda esta experimentação, o tempo decantará a parte válida.

O. Lemos

bibliografia

TRAÇOS DO EXTREMO ORIENTE, de Venceslau de Morais.

Com uma introdução do nosso embaixador no Japão, dr. Armando Martins Janeira, devotado amigo daquele país e das coisas de Marinha, foi publicada recentemente pela Portugália Editora (Colecção Antologias Universais), uma selecção de textos de Venceslau de Morais.

Venceslau de Morais é mais conhecido como escritor das coisas do Oriente e nomeadamente do Japão, onde viveu longos anos, do que como oficial de Marinha. No entanto, foi aluno da Escola Naval e guarda-marinha em 2-10-1875, atingindo o posto de capitão-tenente em 2-10-1891. A sua vida de marinheiro decorreu por várias estações de África e do Extremo Oriente. Enquanto permaneceu no desempenho do lugar de imediato da Capitania do Porto de Macau foi várias vezes ao Japão, enamorando-se (assim podemos dizê-lo) das suas terras e das suas gentes. Em 1898 foi nomeado cônsul em Hiogo e Osaka. Em 1913 passou a ser cônsul-geral de Portugal no Japão. Já capitão-de-fragata, pediu a exoneração de cônsul e de oficial de Marinha para poder dedicar-se, por inteiro, à descrição dos encantos e dos amores dessa terra de paraíso que definitivamente adoptara. Niponizou-se e viveu feliz o resto dos seus dias, acabando por morrer em Tokushima, para onde se retirara, em 1-8-1929. São muitos os seus livros e escritos. A sua leitura é um prazer e uma sedução. Entre os mais importantes destacamos «Traços do Extremo Oriente», «Dai Nippon», «O Culto do Chá», «Serões no Japão» e «Cartas do Japão».

O VENTO E OS CAMINHOS, de Domingos Monteiro.

Os apreciadores de contos e novelas têm em «O Vento e Os Caminhos» algumas horas de interessantíssima e agradável leitura. A narrativa é, em Domingos Monteiro, espontânea, pode mesmo dizer-se nata. O seu estilo é extremamente cativante e prende o leitor da primeira à última página. Os títulos das novelas são: «A Minha Tia Angelina» e «O Vento e Os Caminhos». Os contos, de menor fôlego, mas não menos interessantes, têm por título «A Morte é um Facto Natural» e «A Verdade».

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Temos recebido com regularidade os nossos congéneres: «Jornal do Exército», «Mais Alto», «Stella Maris», «Guerrilha», «Guarda Fiscal», «Gazeta Mecânica», «Cols Bleus», «Sentinelle», «O Islão» e «A Propriedade Urbana».

O. Lemos

---

saibam todos

Que de acordo com recentes disposições introduzidas nos Regulamentos de Uniformes os militares da Armada quando fardados de branco devem usar polainitos de cabedal preto, nas condições em que até há pouco eram usadas polainas de tecido branco.

Que o número de transferências dos sargentos e praças dos Quadros Permanentes para os Quadros de Complemento autorizado para 1972 ultrapassa os 2000.

Que por diploma recente a classe de fogueiros motoristas passou a ser designada por classe dos condutores de máquinas.

Que pelo mesmo diploma o limite de idade para passagem à Reserva dos sargentos e praças da classe de abastecimento baixou de 60 para 56 anos.

Que em todos os supermercados da Marinha existem caixas de reclamações onde os utentes podem depositar as suas queixas ou reclamações.

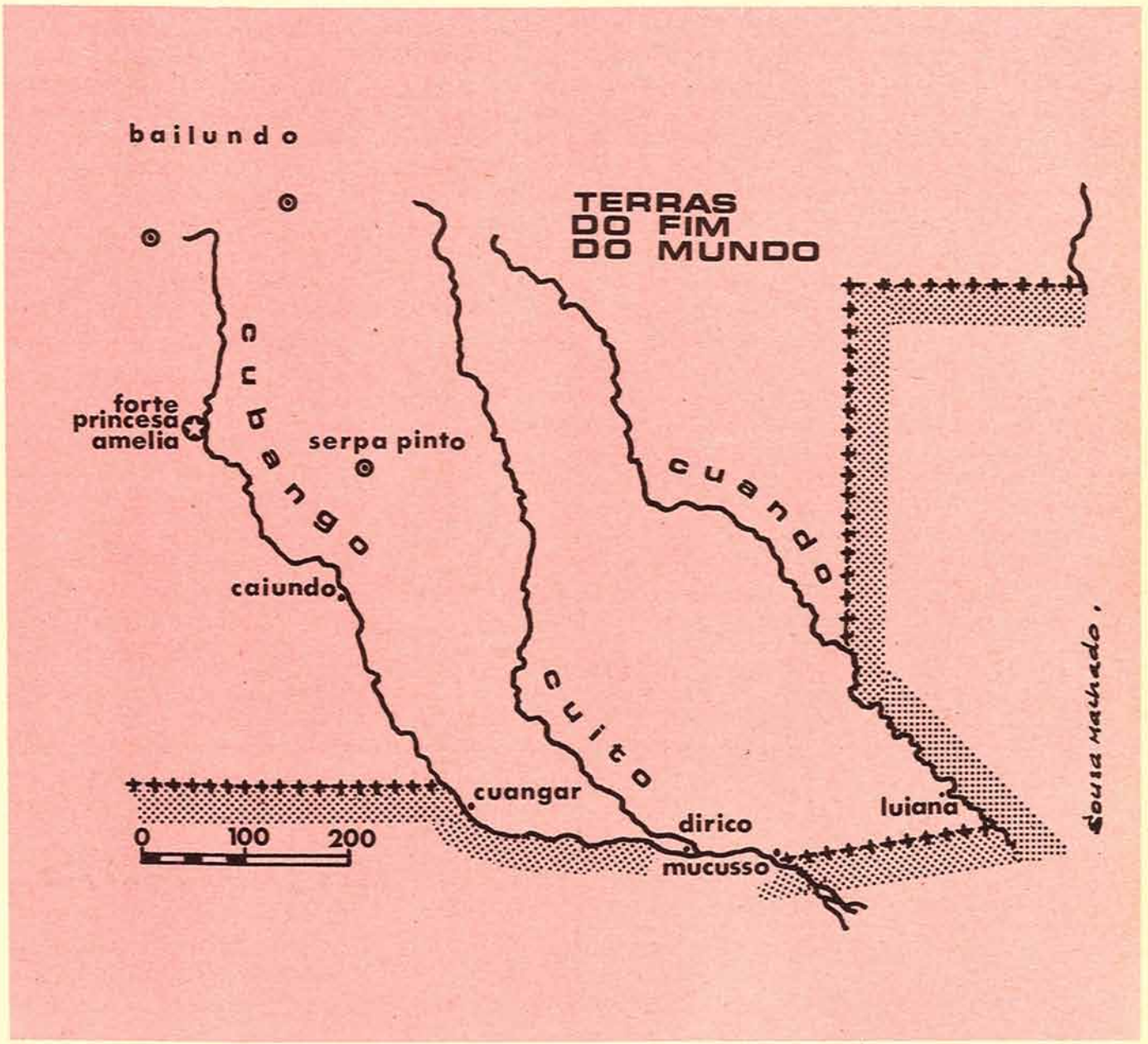
Estas queixas ou reclamações podem respeitar a preços mais elevados que os praticados no comércio ou a procedimentos incorrectos dos empregados.

No primeiro caso convém que o reclamante indique o estabelecimento onde pode adquirir artigos de igual qualidade por menor custo.

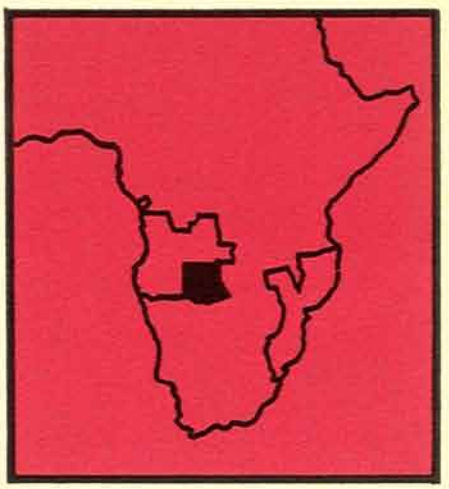
No segundo caso é conveniente que o queixoso se identifique para que se possa proceder a averiguações.

Que nos organismos da Armada em terra são devidos os mesmos sinais de apitos do cerimonial marítimo nos navios de guerra.

Que é tradição da Marinha que interessa respeitar os militares da Armada descobrirem-se quando, a bordo ou em terra, entram em alojamentos do pessoal, tais como câmaras, cobertas, refeitórios, etc. Igual procedimento deve ser adoptado em cinemas, teatros, restaurantes, cafés e outros recintos cobertos de utilização pública.



CUANDO CUITO CUBANGO



Três grandes rios
onde a Marinha está presente

Habituados à dimensão europeia dos trezentos e poucos quilómetros de Lisboa ao Porto ou ao Algarve, achando-se uma estopada fazer trezentos ou quatrocentos quilómetros de estrada com bom pavimento betuminoso, não admira que o novato das terras africanas faça, por exemplo, o trajecto de Luanda a Serpa Pinto, mesmo de avião – 3 horas em *Dakota* –, e se exteriorize com justificadas palavras de satisfação por ter chegado enfim às chamadas Terras do Fim do Mundo. Não são, evidentemente, as três horas de avião, que outro tanto se gasta a alcançar o Centro da Europa, sem que se desate no íntimo de cada um a mesma sensação de plenitude pelo domínio do desconhecido. É que, por terra, teriam sido pelo menos dois grandes dias, um apenas de distâncias enormes de asfalto sem a correspondente modificação geográfica da paisagem pela mão do homem, outro de aventurosa travessia por intermináveis caminhos de terra com buracos e poeira, ou lamaçais, a esperança de chegar a varrer do espírito explicáveis acessos de desânimo, a ideia dum banho de sabonária, como alívio de camadas sedimentares no físico e na indumentária, a ajudar ao avanço.

Nessa altura, o mais curioso é solicitar a atenção das pessoas para o facto, quase sempre despercebido, mas flagrante em qualquer mapa, da pequenina cidade de Serpa Pinto ser uma rodelinha negra apenas ligeiramente a sul do cruzamento dessas duas grandes diagonais que vão do farol da Moita Seca ao Marco das Três Fronteiras e do Forte de Nordeste à aridez fria e desoladora da foz do Cunene. Realmente, de Serpa Pinto ao Luiana é pràticamente uma distância igual à de Serpa Pinto a Luanda, como do Luiana a Luanda é também uma distância igual à do Luiana à Beira, na província irmã do Índico.

Estas ideias simples, traduzidas em comparações que dispensam ajudas numéricas, podem completar-se com a informação, também eloquente por si própria, das terras entre Cuando e Cubango corresponderem a mais de três vezes a área do Portugal europeu. Isto tudo, imagine-se ainda, sem um palmo de estrada, os percursos entre povoações distantes centenas de quilómetros a terem de se fazer por trilhos de pé posto, quando muito por dois trilhos paralelos abertos por antigos carros *boers,* e mantidos mais ou menos desempachados de capim e de bissapas por teimosas viaturas de caçadores e de funantes que nos deixaram o que lá está hoje.

Recuemos agora até aos tempos em que não se pensava sequer no «calça arregaçada» e a tipoia era luxo de branco em penosas travessias de meses, ou anos, por terras de gente desconhecida (alguma nem sequer com boa fama) e teremos, talvez, os dados essenciais para a imaginação reconstruir, se for possível, o ambiente aproximado das primeiras grandes viagens por aqueles confins.

Prestemos, primeiro, a homenagem da nossa admiração a essa espécie rara que é o funante, ou pombeiro, hoje em vias de extinção e que fora da História, fora das páginas gloriosas redigidas sobre figuras que talvez se expusessem menos, embora brilhassem mais, foram os autênticos pioneiros, os avançados obscuros de contactos pessoais com gente de todo desconhecida, escudados apenas no efeito simpático do brilho da missanga, e esperançados na possível vantagem financeira da bola de cera, ou de borracha, quando transportada no caminho de retorno até Moçâmedes ou Benguela. Posto isto, se entenderá melhor porque foram os rios tão objecto de esperanças – e de estudos – quando se pensou responsàvelmente em assentar mesmo arraiais, e a bandeira das quinas, por aquelas imensidões a mil e tantos quilómetros do mar.

O Cubango, o Cuito, o Cuando, três rios de mais de mil quilómetros de extensão, nascidos ali onde nascem todos os grandes rios de Angola, nas serranias do Huambo e do Bailundo, uns correndo para norte, aqueles outros para sul, impressionaram logo pela largura das suas águas os primeiros viajantes idos da Huila, que esperançadamente os imaginaram possíveis estradas para a exploração do comércio, para a instalação militar, para o estabelecimento da administração e de tudo quanto estas três forças importariam.

Henrique de Paiva Couceiro, vinte e nove anos cheios de entusiasmo e de dedicação pelas coisas por que vale a pena viver – e morrer –, pelos grandes espaços, pelas grandes canseiras, pelas grandes obras, parte em 30 de Abril de 1890 com um intérprete, dez africanos de escolta e noventa carregadores, com o objectivo de estudar a navegação do Cubango. A pé, chega ao Forte Princesa Amélia em 8 de Junho, percorrendo quase trezentos quilómetros em quinze dias úteis de marcha, e dali a Massaca, terras do soba Muene Caiundo, onde chega a 20 de Junho. A travessia de terras difíceis, áridas, por vezes sem gente por centenas de quilómetros, sempre ao longo das margens do «seu» rio, a observar-lhe caudais, configuração das margens, afluentes, a espuma das quedas ou o borbulhar dos rápidos, onde o azul vigoroso das águas se desfazia em franjas brancas ou escurecia pela revelação de fundos pedregosos, continuava rumo ao sul, o bloco de notas a tomar apontamentos de altitudes, temperaturas, distâncias.

Atinge o Cuangar a 9 de Julho e prossegue, para leste, acampando em terras do Mucusso no penúltimo dia desse mês. Avança ainda por onde o Cubango se espraia já em imensos braços cada vez mais difíceis de destrinçar antes do seu desaparecimento quase misterioso nas planuras pantanosas do Nordeste do Calari.

E, é curioso, foi no torna-viagem que estudou verdadeiramente a navegação em mais de oitocentos quilómetros de rio. Porquê contra

a corrente? Não o deixou dito. No Mucusso adquiriu canoa gentílica de mussibi, a que pôs o nome de «Tentativa», e aí iniciou as possibilidades de navegar por aquelas águas, ora tranquilas e de bons fundos, a espreguiçarem-se vagarosamente por entre chanas rigorosamente planas de mais de vinte quilómetros de extensão, ora tumultuosas, de ímpetos difíceis de vencer, aflorando dos fundos rochas em profusão labiríntica onde o canal só com grande paciência e não menos sacrifício se encontrava.

Mas a «Tentativa» subiu o rio, às vezes em perigo pela arremetida do hipopótamo, outras deliciada pelo encanto paradisíaco de margens onde a vegetação se acumulava em densos maciços de arvoredo luxuriante. E a viagem até Mucundi não apresentou dificuldades insuperáveis. Aí, porém, foi necessário retirar a canoa, levá-la em ombros pela margem, porque os rápidos eram intransponíveis dada a força da corrente e os contínuos afloramentos rochosos. De novo em troço navegável até Caiundo, depois Massaca, de novo em terra pelas quedas de beleza admirável do Mucolungungo. De novo no rio, de novo em terra, em sucessão cada vez mais frequente pelos constantes precipícios do leito rochoso em terreno igualmente acidentado. Já não podia chamar-se àquilo navegação pois eram tantos os troços em que os homens carregavam a canoa às costas como aqueles em que era a canoa que transportava os homens.

E foi assim que se concluiu que o Cubango seria navegável, alguns meses por ano, utilizando embarcações de pequeno calado, e sòmente do Caiundo até aquém do Mucuso. Fôra um jovem oficial do Exército a continuar, naquelas terras, a mil quilómetros do mar, o espírito descobridor da «raça». Mas seria um oficial da Marinha, igualmente jovem, que faria o estudo mais pormenorizado de todo o percurso navegável, acumulando – caso curioso – o encargo de comandante militar do Cubango. Silva Nunes, segundo-tenente, condecoração da Torre e Espada ganha em terras do Cuamato, foi a primeira presença da Marinha nesse grande rio do Leste que é o Cubango. No próximo número falaremos nele.

S. Machado

notícias pessoais

CASAMENTOS

1.º sarg. B – Garcia casou, em 23-10-71, com D. Maria I. S. D. Garcia.

2.º sarg. H – Paiva casou, em 9-10-71, com D. Maria A. A. R. Paiva.

140/64/C. TFH – Ribeiro casou, em 16-10-71, com D. Maria P. Soares.

69/70/C. FZ – Marques casou, em 26-9-71, com D. Ana M. M. R. Marques.

1510/65/Mar. A – Santos casou, em 6-11-71, com D. Libânia C. A. F. Santos.

1006/67/Mar. FZE – Cartó casou, em 16-10-71, com D. Mariana R. O. Cartó.

975/68/Mar. T – Gomes casou, em 24-10-71, com D. Isabel M. S. B. Gomes.

1392/68/1.º gr. FZ – Silva casou, em 24-10-71, com D. Maria O. R. S. Jesus.

387/69/2.º gr. M – Rosa casou, em 16-10-71, com D. Maria S. F. Canas.

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-m.-g. João Maria Pereira Crespo passou à Reserva Aa, em 8-11-71.

Cap.-frag. José Maria Nápoles Ferraz de Almeida e Sousa passou à Reserva Aa, em 11-11-71.

Cap.-frag. Jorge Perez Fernandes Wagner passou à Reserva Aa, em 18-10-71.

Cap.-ten. Rui Valdemar Cardoso Brilhante Pessoa passou à Reserva Aa, em 27-8-71.

Cap.-ten. SG Edmundo Pereira da Silva passou à Reserva Aa, em 8-11-71.

Sarg.-aj. A – Augusto Horta passou à Reserva Aa, em 29-10-71.

Sarg.-aj. FZE – M. S. Gonçalves passou à Reserva Aa, em 23-11-71.

1.º sarg. ACM – A. M. S. Santa Rita passou à Reserva Aa, em 2-11-71.

576/C. A – L. S. Costa passou à Reserva Aa, em 12-11-71.

1528/C. S – F. Fernandes passou à Reserva Aa, em 2-11-71.

FALECIMENTOS

Cap.-frag. RF Joaquim José da Costa faleceu, em 17-12-71.

1.º ten. SG RF Aníbal de Sousa Cordeiro faleceu, em 26-11-71.

2.º ten. SG RF José Santos Gonçalves faleceu, em 13-12-71.

1474/C. M – António de Frias faleceu, em 20-11-71.

2140/71/1.º gr. C – António Francisco Gil, faleceu, em 20-11-71.

Armando Sousa Costa, patrão de costa do quadro do pessoal civil, faleceu, em 7-12-71.

António Luís Vieira, cabo de mar de 2.ª classe do quadro do pessoal civil, faleceu, em 21-12-71.

António Mateus Pereira Júnior, guarda de 2.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha, faleceu, em 22-11-71.

voz da abita

De Luís Vicente, ex-2.º mar. detector:

«Lisboa, 18-12-71.

«Por casualidade vi nos escaparates uma revista intitulada «Revista da Armada». Como ex-marinheiro e apaixonado por tudo o que diga respeito à Armada, apressei-me a comprá-la assim como a todos os números anteriores desde o primeiro.
«Foi com grande satisfação que as «devorei» (este é o termo exacto), ficando grato a quem teve tão genial ideia de nos dar um jornal que de há muito fazia falta.
«Não fui só eu que dei a atenção devida a tudo o que lá vem, mas também o meu pai, pessoa com 77 anos e que serviu na Armada como grumete fogueiro nos gloriosos tempos dos cruzadores «Vasco da Gama», «Adamastor» e outros, onde serviu na guerra de 14-18 e que por tal, quando ainda hoje (como precisamente aconteceu nesta data) chego a casa com qualquer revista, livro, etc. que se refira à Armada, mos tira da mão, só mos dando quando já não houver sequer uma vírgula para ler.
«(...) Com as minhas desculpas e antecipadamente grato pela atenção.»

De 2824/70/70/2.º gr. T – Luís António de Sousa:

«Com grande prazer saúdo todos quantos trabalham na nossa Revista, e querendo eu contribuir para a mesma junto envio alguns versos, de minha autoria, e alguns problemas, que espero sejam bem recebidos.»

N.R.: *Da colaboração recebida, se for caso disso, será efectuada a respectiva publicação, de acordo com as necessidades da Revista.*

De 8041/71/2.º gr. RM – Fernando Fonseca Bastos:

«Algés, 10-12-71.

«Começo por agradecer a amabilidade em me terem enviado o n.º 3 da «Revista da Armada», o que muito me sensibilizou. Aproveito este ensejo para enviar um passatempo, por mim compilado, animando-me ao fazê-lo a vontade de contribuir para que tenham ao dispor uma boa dose de material, para assim continuar o interesse da Revista.»

N.R.: *A colaboração recebida será publicada oportunamente, de acordo com as necessidades da Revista.*

De 1597/69/1.º gr. M – Fernando Reis da Silva:

«Bordo do N.R.P. «Santo André», em 24-12-71.

«Com os mais respeitosos cumprimentos, tenho a honra e o orgulho de comunicar que soube da existência da «Revista da Armada» quando saiu o seu 3.º número. Ao ler este fiquei ansioso por ler os números que o antecederam. Lidos estes, ou seja, lidos os três números já publicados, fiquei encantado com a leitura da nossa brilhante Revista.
«Não tenho o interesse exclusivo de ler a Revista, mas sim de a ler e a guardar. Guardá-la-ei para que, quando civil, possa com saudade relembrar o meu serviço militar e continuar a receber notícias dos marujos que se sigam ao longo dos anos.
«Junto envio a quantia de 33$00 em selos dos CTT para uma assinatura anual e ainda para, se possível, me enviarem os três números já publicados.»

De Salvador Marques, 1.º sargento L:

Recebeu-se uma carta sobre o preço da carne nos supermercados da Marinha e ainda apresentando várias sugestões.
Informa-se o signatário que estão a ser feitas diligências para completo esclarecimento do assunto.

SENTINELA NAS TREVAS

Como vigilante
Aqui permaneço...
Olhando,
Com ar confiante,
Seguro daquilo que mereço!
D'arma na mão
As horas passo,
Com olhar expressivo
E pensativo,
Velando p'lo que faço
Durante a minha missão!
A chuva me fustiga,
O vento me bate,
Deixando-me a arder
Num calor que se mastiga
Em fúria de combate,
Que é irmão do meu dever!

Artur de Lucena
2.º grumete T

PORTUGAL

A «nossa» Revista orgulha-se de poder inserir neste número uma colaboração estranha aos nossos quadros e que, por isso mesmo, tem para nós altíssimo e valioso significado. Trata-se de uma homenagem que os alunos da Escola Comercial Patrício Prazeres quiseram prestar à Marinha Portuguesa e ao comandante Oliveira e Carmo, dedicando-lhes o poema PORTUGAL VENCERÁ. Na impossibilidade de reproduzir em fac-simile cada uma das suas páginas, que em si mesmas são outras tantas obras de arte, escritas e iluminadas com carinho e alto sentido de equilíbrio e beleza, limitamo-nos a fazê-lo para a capa, que contém a dedicatória à Marinha.

Transcrevemos, também, o ofício do director da Escola Comercial Patrício Prazeres que acompanhou esta significativa oferta, que tanto nos desvaneceu.

A «Revista da Armada», sensibilizada por esta prova de amor aos ideais da Pátria Portuguesa, agradece a todos os que contribuíram para esta homenagem – alunos e professores – a dedicação e o amor que puseram na sua realização.

Eis o texto do ofício do director da Escola Comercial Patrício Prazeres:

«Tem-se lido com muito interesse o prestigioso órgão de informação e de formação que é a «Revista da Armada». No número do mês de Dezembro corrente, recorda-se, com um sentido admirável de actuante oportunidade, o glorioso feito de magnífica presença, de amor pátrio e de fidelidade a nobres ideais que se consubstancia na resistência oposta pela Marinha de Portugal ao invasor cruel e traiçoeiro, em 18 de Dezembro de 1961.

«Manuel Catalão de Oliveira e Carmo, morto em combate, nessa triste data, é bem significativo das elevadas virtudes que ornam a Gloriosa Armada de Portugal.

«Por isso se solicita a V. Ex.ª se digne aceitar o poema «Portugal Vencerá», com dedicatórias especiais à Heróica Marinha Portuguesa e ao Heróico Comandante Oliveira e Carmo.

«Será uma respeitosa e sentida homenagem, agora que vão passados 10 anos, por todos os que servem ou serviram a Pátria em tão dignificante ramo das Forças Armadas.

«Respeitosos cumprimentos de muito profunda consideração.

a) *Benjamim José Gonçalves»*

VENCERÁ

n

nos

mercial

Prazeres

Mortos

esa da Pátria

rinha Portuguesa

1971

PORTUGAL VENCERÁ

OURIQUE

Visão!...
O grande Henrique,
numa oração,
num clamor:

"Aos moiros que não a mim que creio em Vós"

Senhor!
Santarém, Lisboa, Sintra,
Castelos da Beira-Mar
seguem pendão da Cruz
arreiam pendão d'Agar.

A moirama feneceu
e Portugal venceu!

ZAMORA

Mil cento e quarenta e três
o Sol rompeu
e disse a Grei soberba de altivez:
o Povo é livre, o Conde é Rei
Portugal nasceu.
Hossana a Portugal.
Arraial, arraial!

ALJUBARROTA

Sol, Glória!
A Cruz d'Aviz ao alto em céu d'anil.
P'la Pátria e sua Dama cada um é mil.
A Fé nos traz Vitória,
a soberba bandeira castelhana
é derrubada aos pés da lusitana.
Castela s'abateu
e Portugal venceu!

O INFANTE

Foi ele que abriu, com rumo certeiro,
a estrada do mar ao povo marinheiro!...
Com brisas e procelas,
o vento levou as caravelas,
semeou a Raça Lusa nos mundos que criou.
Há sal na água do mar;
mas, na carícia da onda,
há como boca a beijar.
Raça Gigante
que venceu mil gentes, sem olhar a cor,
p'ras fazer cristãs na santa lei do amor.
Humanando o gentio, que tem por irmão,
porque irmão nasceu
Portugal venceu!

RESTAURAÇÃO

Mil seiscentos e quarenta
é data p'ra bem lembrar.
Já temos um Rei qu'é nosso
mas batalhas a travar.

Nos campos d'as Linhas d'Elvas,
Montes Claros, Meixial
há pedras com voz de gente:
Aqui venceu Portugal!

OCUPAÇÃO

Lá no sertão
o tantã dos negros proclama a guerra,
sem piedade, sem cc ração.

Sacrificado
no ar escaldante das plagas d'além-mar,
purificado
nas vidas mortas em holocausto à honra,
o sangue de Portugal não corre em vão.
Capelo, Ferraz e Mouzinho
alimpam o terror da selva
na senda do Bom-Caminho.
Por alvura d'alma,
em terras de bem
Portugal venceu!

FLANDRES

Ajudando a França, triunfam do mal
os Soldados de Portugal.
O serrano "poilu" nunca tremeu.
C'o mundo livre Portugal venceu!

HORA PRESENTE

Pairam abutres sobre o céu de Portugal,
a tarjar de negro o anil d'um roseiral.

Fora os milhafres,
vampiros sedentos do sangue inocente,
é grito da Pátria p'la boca da gente...
No eco d'um nome respondem mil vozes
Oliveira e Carmo
Presente!
Ressoa do fundo do mar
toda a água do Índico não o pode abafar.
Aniceto do Rosário
Presente!
E segue a chamada,
Nenhum está ausente;
mil vozes dirão
Presente, Presente, Presente!
Torre do Vale, Nascimento da Costa,
Maciel Chaves e Mota de Oliveira
Presente, Presente, cá estão.
Ferreira de Almeida, Machado Ferrão...
Toda a Mocidade,
em Voz da Pátria, Voz da Saudade,
Presente, Presente, Presente!
Heróicos Soldados!
Eles
são
Aqueles
por Quem se dirá
Honrando os seus Mortos Portugal vencerá!

EXORTAÇÃO

Eia avante Juventude
que em Vós a Pátria confia!
Penhor fiel
das santas promessas d'Ourique
dos loiros d'Aljubarrota.

O Infante das Caravelas
'stá no Querer dos vossos corações,
na vida em flor da vossa juventude.

MOCIDADE

Mereçamos os Mortos
que a vida da Pátria fez cair.
Para Eles, que resplendem na Eternidade,
um Beijo, uma Saudade.

PORTUGUESES

Corre em vosso sangue uma voz ancestral
que Vos diz que d'Antes Portugal venceu
p'ra que Hoje e Sempre vença Portugal.

*CURIOSIDADES

A firma Vredestein desenvolveu um novo tipo de defensas – *Jumbo* –, as maiores do Mundo, que podem ter 3 m de diâmetro, 6 m de comprimento e 25 t de peso e suportar uma força de 660 t/m. A capacidade das utilizadas actualmente é de 30 t/m. Constituem a solução para proteger os cais e os navios gigantes contra os choques na acostagem.

Em 30-6-71 a frota mundial de navios petroleiros (só navios com mais de 10 000 t) compreendia 3286 unidades, num total de 160 969 022 t dw.

Os países que concentravam maior tonelagem eram:

	N.º de navios	t dw
Libéria	*727*	*39 429 211*
Reino Unido	*406*	*24 093 814*
Noruega	*293*	*17 791 341*
Japão	*168*	*16 482 470*
E. U. A.	*338*	*9 176 881*
Grécia	*211*	*8 341 839*

Uma invenção canadiana para limpar o óleo nos oceanos está a encontrar grande aceitação em todo o Mundo. Trata-se de uma embarcação equipada com uma passadeira rolante de material absorvente embebido em óleo, de maneira a não recolher a água. Mergulha-se a faixa no óleo em flutuação, mantendo-a em rotação por meio de um pequeno motor. O óleo é absorvido e depois expelido por meio de uma máquina compressora. O aparelho, que se denomina *Slick-Licker*, pode recolher 45 galões de óleo por minuto e o seu custo é de cerca de 7500 dólares.

O navio japonês m. v. «Toyota Maru n.º 16» atracou ao porto de Antuérpia pela primeira vez e descarregou 1230 veículos. O tempo de descarga foi de 8 h 30 m, dando uma média de 145 carros por hora. Os veículos foram elevados para o convés e conduzidos para o cais através duma rampa.

(Do «Boletim Analítico da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

Os astronautas regressam da Lua teòricamente mais novos do que se tivessem permanecido na Terra. Poderão os homens, no futuro, ao viajarem para outros sistemas planetários, vir a encontrar na Terra os seus filhos mais velhos do que eles próprios?!

A poluição (destruição do meio ambiente onde vivem os homens, os animais e as plantas) ameaça a civilização que a sociedade industrial criou visto que, naturalmente, os fumos, os gases, os detritos, os óleos, os pesticidas, os detergentes e outros produtos que diàriamente se lançam no mar, nas plantações e na água dos rios acabarão por modificar as condições normais de vida.

Juntamente com a droga, a criminalidade e a violência, a poluição traz a maior preocupação aos cidadãos conscientes da comunidade mundial, multiplicando-se, actualmente, as medidas para a combater.

C. N. O. C. A.

um clube que prestigia a Corporação

O C. N. O. C. A. atravessa um período de grande actividade e expansão, mercê de uma direcção muito entusiasta e dinâmica. Não há dúvida que o clube vem preencher uma importante lacuna para todos aqueles que tendo feito desporto na Escola Naval pretendem continuar a praticar modalidades que doutra forma dificilmente conseguiriam.

Além das tradicionais secções de VELA e REMO, e posteriormente de ANDEBOL, que chegou a atingir um plano muito interessante ao nível regional, outras secções mais recentes iniciaram a sua actividade, como o RÂGUEBI e o VOLEIBOL.

Porque se trata, afinal, dum clube de oficiais e cadetes da Armada, em competição com outras agremiações, damos o nosso inteiro aplauso a todas as iniciativas do clube que aumentem o prestígio da Marinha no campo do Desporto. Como é evidente, o objectivo primordial não será ganhar os campeonatos onde se inscreva, mas sim proporcionar a todos os sócios uma possibilidade de continuar a praticar os seus desportos favoritos num ambiente de sã camaradagem e puro amadorismo. Damos a seguir uns breves apontamentos sobre algumas das secções do C. N. O. C. A.

Natação

As aulas de natação para filhos dos sócios realizam-se às terças e sextas-feiras na magnífica piscina do Areeiro, sob a orientação do professor Abrantes.

As inscrições podem ser feitas na piscina ou no Posto Náutico.

Voleibol

Está em curso o Torneio de Abertura, onde a equipa terá possibilidades de ganhar conjunto e experiência.

Para todos os sócios interessados em praticar esta modalidade informa-se que os treinos se realizam às segundas-feiras no Pavilhão do C. D. U. L., às 20 h e 30 m, e às quartas-feiras na Escola Naval, às 17 h e 15 m.

Râguebi

O clube está a disputar o Campeonato da II Divisão Nacional, tendo obtido alguns resultados meritórios. A maior dificuldade reside na falta de praticantes. Fazendo eco com a direcção do clube transmitimos a todos os sócios que puderem dar contributo a este salutar jogo para comparecerem aos treinos, que se realizam no Estádio da B. N. L. às terças e quintas-feiras, entre as 17 e as 19 h.

Andebol

Foi a modalidade que atingiu melhor nível no seio do clube, pretendendo-se agora reconquistar a posição brilhantemente alcançada há uns anos atrás.

É evidente que as comissões no Ultramar têm contribuído para os altos e baixos da equipa, mas estamos convencidos de que os próximos jogos revelarão subida de forma e uma melhoria na tabela classificativa. O 4.º lugar está perfeitamente ao alcance do C. N. O. C. A., que, assim, terá ingresso no Nacional da II Divisão. A recente vitória alcançada frente ao Atlético, por 20-17, permite acalentar esperanças nesse sentido.

Vela

Têm prosseguido os treinos no Posto Náutico sob a orientação do 1.º-tenente Sales Grade, todas as segundas e terças-feiras, a partir das 17 h.

Registe-se, ainda, o XXIII Festival Náutico, realizado pelo C.N.O.C.A. no passado dia 23 de Outubro, ao qual compareceram 63 embarcações em representação dos seguintes clubes: Brigada Naval, M. P., G. D. da Casa dos Pescadores do Seixal, Clube Sportivo de Pedrouços, Club Naval Barreirense, S. A. D., C. N. L., Clube Náutico Mare Nostrum e o clube organizador.

As regatas das várias classes efectuaram-se no Mar da Palha, com excelentes condições meteorológicas, num percurso com traçado olímpico de cerca de quatro milhas de extensão. De assinalar a presença de três pequenos cruzeiros que tomaram parte na regata destinada a «outras classes», sendo dois propriedade do C.N. O.C.A. e outro pertencente ao comandante Almeida d'Eça.

A partir das 20 horas realizou-se uma festa na sede do C. N. O. C. A., durante a qual foram distribuídas taças aos vencedores das diversas classes. Pela magnífica iniciativa em prol da vela nacional endereçamos as nossas felicitações ao prestigioso C. N. O. C. A.

P. Caeiro

RÂGUEBI
uma modalidade em progresso

A EQUIPA QUE ESTÁ A DISPUTAR O CAMPEONATO DA II DIVISÃO NACIONAL: De pé, da esquerda para a direita: Martinha, R. Pereira, Coelho da Silva, Cunha, Tavares, Marques, Soares, Bento e Blasques. De joelhos: Leitão, Montenegro, Saldanha Lopes, Abreu, Curado e Alves.

NO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO, uma fase animada do jogo disputado contra os Regentes Agrícolas de Coimbra.

Futebol com holandeses

Com organização do Centro de Educação Física da Armada, efectuou-se no passado dia 11 de Dezembro no Estádio da Base Naval do Alfeite um jogo de futebol entre uma equipa da Escola de Fuzileiros e outra do contra-torpedeiro «Utrecht», da Armada Holandesa.

O resultado final foi de 2-2. Ao intervalo a Escola de Fuzileiros ganhava por 1-0.

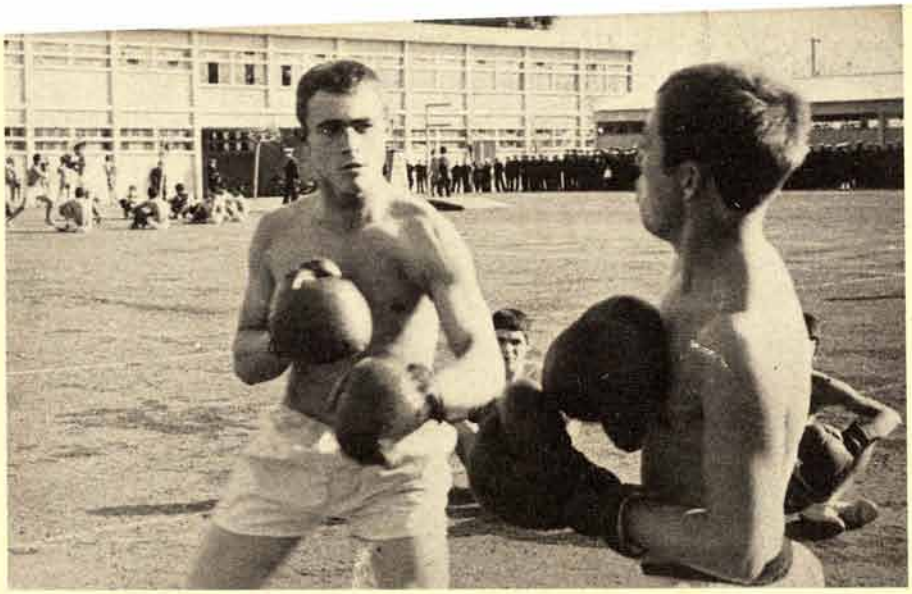
P. Caeiro

O desporto nas Forças Armadas

A vida do homem é um jogo constante em que predomina a luta pela sobrevivência, ou seja, a conquista de um lugar que proporcione os proventos necessários para fazer face a um género de vida mais consentânea com os ideais de cada um.

Esta a primeira grande batalha. No entanto, pela vida adiante outras lutas se vão continuamente travando.

É próprio da natureza humana. Nem todos os homens pensam da mesma forma e até se diz com frequência «cada cabeça, cada



sentença». Daqui resulta que, ao longo da vida, o homem enfrenta continuadamente problemas cuja origem está na concepção diferente que cada um tem das realidades.

Se uma pessoa gosta mais do calor que do frio, opina: «Em Luanda vive-se muito melhor que em Lisboa» e acrescenta: «Até há praia nove meses por ano.» Mas se outra pessoa gosta mais do frio que do calor, declara: «Em Lisboa passa-se muito melhor que em Luanda, onde o calor sufoca e aparece a praga infernal do líquen.»

Se o indivíduo é monárquico defende o princípio da herança do Poder atribuído por vontade divina. Se é republicano repudia tal princípio, aduzindo que Deus criou todos os homens à sua imagem e semelhança, donde todos poderem ter acesso ao Poder.

Em resumo, na vida, as relações humanas oscilam permanentemente entre dois pólos: os que dizem sim e os que dizem não; os que concordam e os que não concordam; os que gostam e os que não gostam; os que amam e os que não amam; os que são bons e os que são maus; os que crêem em Deus e os que não crêem; os desportistas e os não desportistas, etc.

Era aqui que queríamos chegar. Perdoem-nos esta longa introdução, mas ela impunha-se porque, ao falar de desporto, tema aliciante para quem o pratica, pode causar tédio ou até comentários pouco amáveis por parte daqueles que lhe tenham aversão.

Nós entendemos que a prática do desporto é benéfica pelas seguintes razões:

a) Contribui para uma melhoria da saúde, quer física quer mental;

b) Contribui, em razão dos contactos humanos no campo desportivo, para um melhor conhecimento dos homens e, por conseguinte, para o seu melhor entendimento;

c) Contribui para uma maior resistência orgânica ao esforço físico.

Se outras razões não houvera, esta última, nos tempos que vão correndo, seria suficiente para que a educação física e o desporto nas Forças Armadas ocupassem um lugar de destaque, pois a luta que se trava nas províncias ultramarinas exige homens fisicamente bem preparados, para fàcilmente poderem suportar os trabalhos e canseiras a que os militares estão sujeitos.

Sem dúvida que muito se progrediu nos últimos anos quanto à preparação física nas Forças Armadas, e esse incremento veio precisamente da necessidade de preparar os militares para a luta que somos obrigados a travar no Ultramar.

Que se passa presentemente neste campo na Marinha?

Nas escolas e forças de fuzileiros e educação física e os desportos ocupam lugar de relevo, mas nas outras unidades e serviços caminha-se de igual forma? Supomos haver aqui uma quebra de continuidade.

O C. E. F. A. elaborou recentemente o calendário das provas desportivas da Armada para a época de 1971-1972.

Seria de esperar que após a sua publicação se notasse um ritmo intenso nos treinos do pessoal. Algo se vislumbra, mas cremos que muito pouco em relação ao que seria possível.

Perdoem-nos aqueles que não concordam, mas em nosso entender a educação física e o desporto na Armada deveriam tomar o seguinte rumo:

a) Educação física obrigatória até aos 40 anos e voluntária daí para cima;

b) Intensificação das actividades desportivas por forma a que as provas se desenrolassem ao longo de todo o ano, estabelecendo várias taças para disputa. Nos meses mais quentes do ano haveria um interregno, não só por causa do calor mas também para que se permitisse um certo descanso ao corpo e ao espírito;

c) Constante observação médica sobre o pessoal, de forma a que do desporto resultassem as vantagens desejadas e se eliminassem os inconvenientes que da sua prática podem advir.

Sabemos que há razões fortes que se opõem ao cumprimento do programa acabado de expor, mas sabemos, também, que quando o homem quer não há barreiras intransponíveis.

Sentiríamos imensa alegria se um dia víssemos concretizadas as ideias aqui expandidas. Enquanto isso não for possível algo se irá fazendo, pois aqueles que amam o desporto praticam-no mesmo por sua conta e risco.

P. Borges

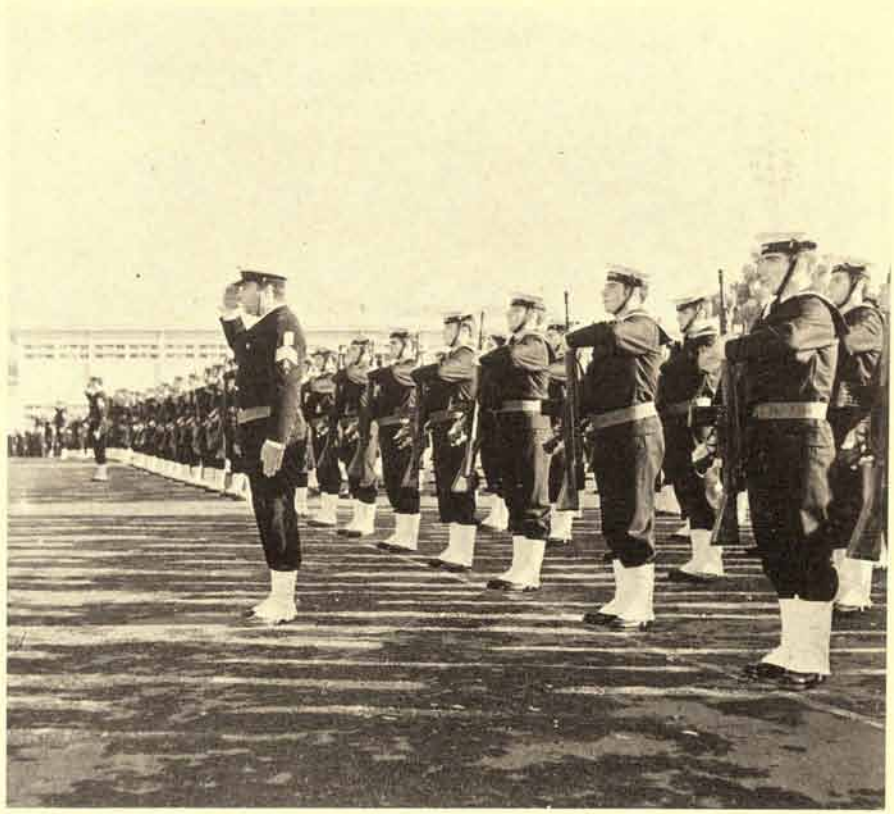
COMPANHIA N.º 3 DE FUZILEIROS E DESTACAMENTO N.º 12 DE FUZILEIROS ESPECIAIS NA HORA DO REGRESSO

Com a satisfação do dever cumprido, chegaram no dia 8 de Dezembro a Lisboa a Companhia n.º 3 de Fuzileiros e o Destacamento n.º 12 de Fuzileiros Especiais que cumpriram na Guiné a sua comissão de serviço.
Os seus comandantes, 1.º tenente Eça Soares e 1.º tenente fuzileiro Mendes Fernandes, bem como as respectivas guarnições, foram cumprimentados a bordo do N/T «Angra do Heroísmo», que os transportou, em nome do ministro da Marinha e do chefe do Estado-Maior da Armada, pelo capitão-de-mar-e-guerra Ferraz de Carvalho.

---

800 HOMENS JURAM BANDEIRA EM VILA FRANCA DE XIRA

No dia 17 de Dezembro, no Grupo N.º 1 de Escolas da Armada e sob a presidência do superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco, realizou-se a cerimónia do juramento de bandeira de 800 recrutas e voluntários que constituíram a última incorporação do ano de 1971. Feita a leitura dos deveres militares, o pessoal em parada ouviu uma alocução pelo director de instrução dos cursos, que proferiu a fórmula solene do juramento de bandeira, após o que se seguiu o desfile do batalhão, exercícios de ordem unida e demonstrações de preparação física e de luta de ataque e defesa.



O NATAL EM ALGUNS ORGANISMOS DA ARMADA

A ESCOLA DE FUZILEIROS CELEBRA O SEU NATAL

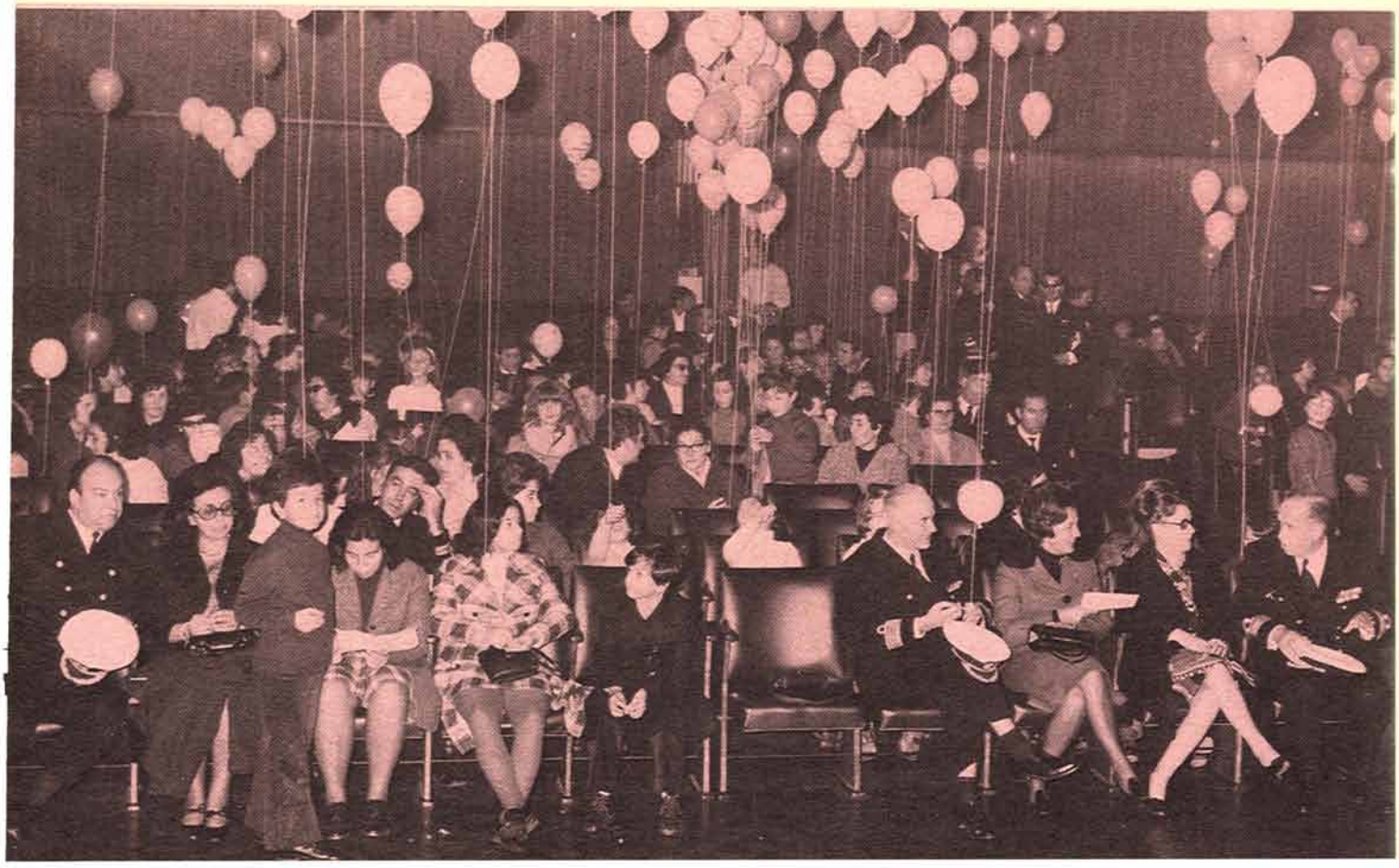
Os fuzileiros de Vale do Zebro reuniram-se em confraternização de Natal com os seus familiares no passado dia 17 de Dezembro.

Além dos desenhos animados e de um número de ilusionismo para os mais pequenos, houve também fados e canções por alguns dos nossos melhores artistas e ainda distribuição de brinquedos e um lanche para todas as crianças presentes.

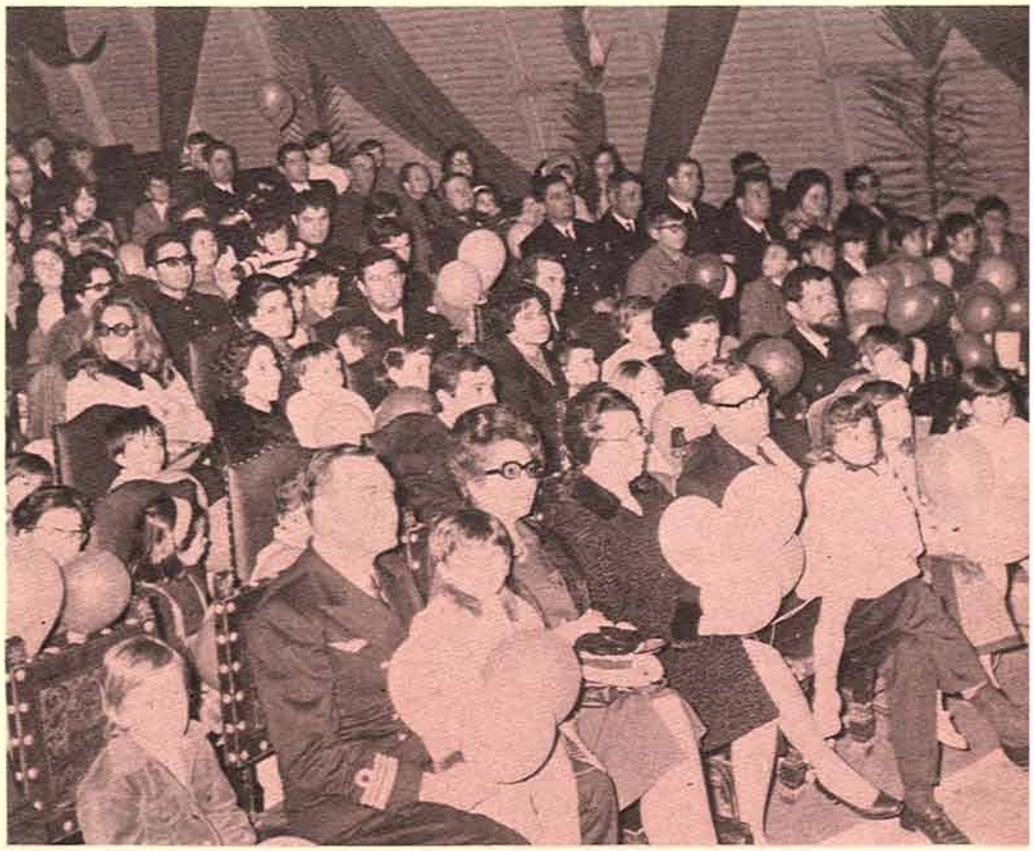
O NATAL NA ESCOLA NAVAL

Tradicionalmente, a Escola Naval realiza na quadra natalícia uma festa de convívio de todo o seu corpo docente, alunos e pessoal militar e civil que presta ali serviço.

Este ano, a festa familiar teve lugar no dia 22 de Dezembro e contou no programa com uma sessão pelo Grupo de Fantoches Branca de Neve, dirigido pela ilustre poetisa D. Lília da Fonseca, a que se seguiu distribuição de brinquedos a mais de 200 crianças presentes, às quais foi também servida uma merenda.



A REUNIÃO DE NATAL DO GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA



Também em Vila Franca de Xira o Grupo N.º 1 de Escolas da Armada festejou, no dia 22 de Dezembro, a quadra natalícia, reunindo os oficiais, sargentos, praças e pessoal civil da Unidade e respectivos familiares.

A festa, cujo programa se dirigia essencialmente às crianças, contou com uma exibição de desenhos animados e um espectáculo de variedades com a colaboração indispensável de palhaços e de um número a cargo de um ilusionista e hipnotizador.

Foram ainda distribuídos brinquedos, balões e guloseimas a cerca de 350 crianças presentes, às quais foi também servida uma merenda na Sala do Marinheiro.

A FESTA DE NATAL DO COMANDO NAVAL DO CONTINENTE

No auditório da Escola Naval, e organizada pela Base Naval de Lisboa, teve lugar no passado dia 23 de Dezembro a festa de Natal do Comando Naval do Continente, que reuniu os familiares de todo o pessoal militar e civil pertencente às unidades dependentes daquele Comando.

Assistiu a esta reunião o comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, e os 1.º e 2.º comandantes da Base Naval de Lisboa, comodoro Moura da Fonseca e capitão-de-mar-e-guerra Virgílio Cruz.

O Grupo de Fantoches Branca de Neve constituiu o atractivo de cerca de meia centena de crianças que lá se reuniram, às quais depois foram distribuídos brinquedos e oferecido um lanche.

O MINISTRO DA MARINHA EM MOSCOVO

Chefiando a delegação portuguesa à reunião extraordinária a nível ministerial da Comissão Internacional de Pescarias do Nordeste do Atlântico, deslocou-se de 12 a 17 de Dezembro a Moscovo o ministro da Marinha que assim se tornou no primeiro membro do Governo a visitar a Rússia.

Os trabalhos desta reunião, na qual participaram catorze países da Comissão, incidiram principalmente na necessidade da regulamentação internacional do exercício da pesca por forma a evitar o desaparecimento sistemático das espécies que mais se consomem.

É curioso assinalar que da nossa delegação faziam parte, além do ministro da Marinha, mais três oficiais da Armada e dois elementos civis.

NOMES ILUSTRES VÃO DESIGNAR NOVOS NAVIOS DA ARMADA

Quatro novas corvetas já em construção, pertencentes à classe «João Coutinho», vão receber nomes de ilustres portugueses que pela Pátria valentemente se bateram, consagrando-lhe alguns até a própria vida:

Baptista de Andrade
Afonso Cerqueira
Oliveira e Carmo
João Roby

Das suas vidas notáveis, apresentamos os factos mais destacados.

BAPTISTA DE ANDRADE – Promovido por distinção a 1.º tenente, a capitão-tenente em campo de batalha, e a contra-almirante, foi governador do distrito de Ambriz, onde empreendeu uma série de brilhantes campanhas para submeter indígenas revoltados. Comandou entre outros navios a corveta «Estefânia» e a fragata «D. Fernando». Por duas vezes governador de Angola, nomeado na última em virtude da revolta dos Dembos, pacificou a província. Oficial da Ordem da Torre e Espada, foi feito vitalìciamente par do Reino, promovido a vice-almirante e nomeado comandante-geral da Armada. Mais tarde, foi nomeado vice-presidente do Conselho do Almirantado e promovido, uma vez mais por distinção, a almirante.

AFONSO CERQUEIRA – Herói da ocupação africana, teve acção relevante nas campanhas de Moçambique e do Sul de Angola em 1915, em que participou primeiramente como comandante de companhia e depois como comandante do Batalhão de Marinha integrado nas Forças Expedicionárias. Durante a I Guerra Mundial comandou o contra-torpedeiro «Guadiana», desenvolvendo acção valorosa em numerosas missões de escolta e protecção de comboios. Condecorado pelos seus feitos em campanha com o oficialato da Torre e Espada, possuía ainda medalhas de ouro de Valor Militar e da Cruz de Guerra de 1.ª classe.

OLIVEIRA E CARMO – Herói das novas gerações, guindou-se à altura proeminente dos Grandes da Pátria quando na Índia, em Dezembro de 1961, comandando a lancha de fiscalização «Vega», detectou e manteve contacto com um cruzador inimigo e deu depois combate a vários aviões que atacavam Diu, dirigindo com extraordinária bravura o seu pessoal e o seu navio, mesmo depois de gravemente ferido, até que, com a sua frágil unidade destruída pelo fogo do adversário, sucumbiu, desaparecendo para sempre nas águas do Estado Português da Índia. A sua gloriosa acção valeu-lhe a concessão a título póstumo do grau de comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, da medalha de ouro de Valor Militar com palma e a promoção ao posto de capitão-tenente.

JOÃO ROBY – Marinheiro por vocação, cedo se viu, porém, atraído pelas terras, gentes e problemas africanos. Diversas vezes voluntário para servir em África, tomou parte como subalterno da Companhia de Desembarque de Marinha na guerra dos Namarrais e mais tarde, integrado numa companhia de Marinha, na campanha de Gaza e, pròpriamente, no combate de Ma-

contene. Apesar de muito jovem foi nomeado para o delicado lugar de agente consular e intendente do Governo no Niassa numa altura em que naquela região nos encontrávamos em difíceis condições. De novo em Moçambique, entra em operações no Barué e depois em Angoche. Novamente voluntário para partir com uma coluna militar que ia pacificar uma região do Sul de Angola rebelada com indígenas do Cuamato, encontra a morte heròicamente na batalha de Umpungo, em combate travado com forças muito superiores. Os seus feitos heróicos em África fazem-lhe merecer os graus de oficial e cavaleiro da Ordem da Torre e Espada e várias medalhas de prata da Rainha D. Amélia, comemorativas das expedições a Moçambique.

MOÇAMBIQUE FOI VISITADA PELO MINISTRO DA MARINHA

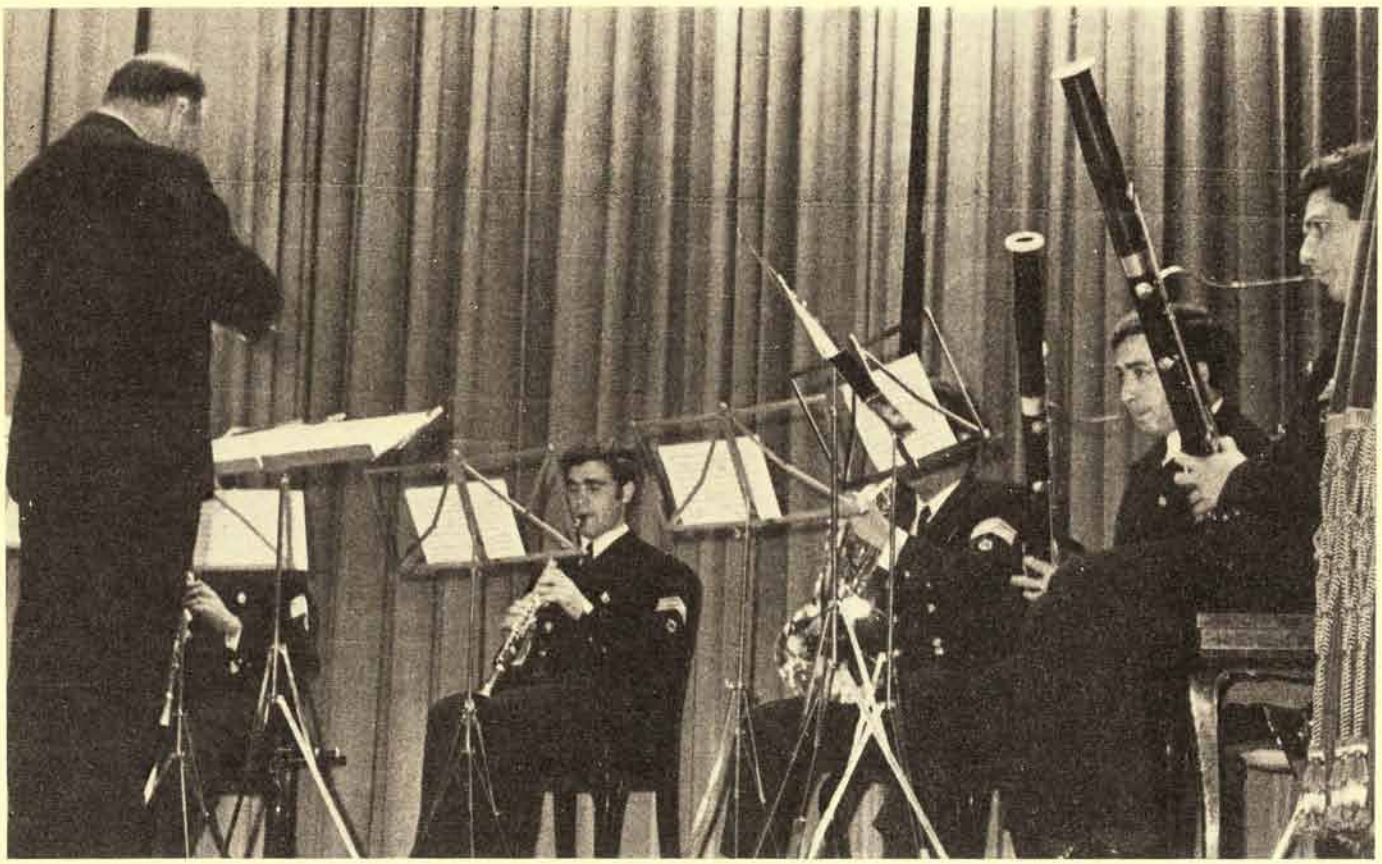
As instalações navais da província de Moçambique receberam a visita do ministro da Marinha, que se deslocou ali de 20 a 27 de Dezembro.

Acompanhado desde a Beira pelo comandante naval, contra-almirante Jaime Lopes, e pelo secretário provincial das Comunicações, engenheiro Vilar Queirós, foi recebido no aeroporto de Lourenço Marques pelo governador-geral, engenheiro Pimentel dos Santos, pelo arcebispo de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira, pelo secretário-geral e pelo governador do distrito de Lourenço Marques.

No decurso da semana que passou entre os militares da Armada em serviço na província de Moçambique, o ministro da Marinha visitou várias instalações navais em Lourenço Marques, Nampula, Tete, Tchirodze, Magoé Velho, Chicoa, Metangula, Cobué, Porto Amélia e Beira, tendo feito a consoada de Natal com os oficiais, sargentos e praças do Comando da Defesa Marítima dos Portos do Lago Niassa, em Metangula.

A BANDA DA ARMADA NO PALÁCIO FOZ

Preenchendo a primeira parte de um espectáculo promovido pela Federação das Sociedades de Cultura e Recreio, a Banda da Armada realizou no dia 18 de Dezembro um concerto público no Palácio Foz por conjuntos de câmara que a integram, em que interpretou obras de Haydn, Andrea Gabrieli, H. Schmid e Luening.



no mundo aconteceu

NO MÉDIO ORIENTE

1 – *ISRAEL*

Em diversas encomendas recebidas do estrangeiro têm sido detectadas cargas explosivas, obrigando as autoridades a minuciosa pesquisa a volumes chegados pelo correio.

2 – *EGIPTO*

Os Estados Árabes, como represália pela decisão americana de fornecer novos aviões a Israel, pensam combater os interesses americanos no Médio Oriente e reduzir os fornecimentos de petróleo à Europa.

3 – *LÍBANO*

Tropas israelitas atacaram acampamentos de guerrilheiros em território libanês.

NA ÁFRICA

4 – *LÍBIA*

Depois de se frustrarem negociações que tinham em vista normalizar as relações com a Inglaterra, que se haviam desenvolvido sem sobressaltos durante o regime do rei Idris, deposto em 1969 pelo coronel Kadafi, o Governo líbio nacionalizou os interesses petrolíferos ingleses no país (Companhia BP) e mandou retirar de Tripoli as missões militares inglesas que estavam encarregadas de treinar as suas tropas.

5 – *COSTA DO MARFIM*

A senhora Nixon visitou este país, a Libéria e o Gana, expondo aos respectivos dirigentes o intuito da próxima viagem de seu marido à China.

6 – *GANA*

Um recente golpe de Estado afastou da chefia do Governo o Sr. Busia, que estava em Londres em tratamento médico.

7 – *RODÉSIA*

Em Inglaterra será procurada a maior fonte de imigração anual de 15 000 brancos que o regime republicano do país pretende atrair logo que se encontre ratificado o recente acordo anglo-rodesiano.

Nas cidades de Gwelo e Umtali houve manifestações contra o acordo anglo-rodesiano, das quais resultaram várias destruições de veículos e propriedades e alguns mortos e feridos.

NA ÁSIA

8 – *HONG-KONG*

Nesta colónia inglesa do Mar da China foi destruído por um incêndio o antigo paquete «Queen Elisabeth».

9 – *COREIA DO NORTE*

O chefe do Governo, Sr. Sung, propôs à Coreia do Sul o estabelecimento dum tratado de paz.

10 – *CAMBOJA*

As tropas sul-vietnamitas retiraram sùbitamente deste país, onde haviam penetrado na intenção de destruírem «santuários» comunistas.

11 – *LAOS*

Os americanos consideram bastante difícil a situação militar no Norte do Laos.

12 – *CHINA*

Fazem-se preparativos para a anunciada visita do presidente americano, para o que já foram transportados para Pequim vários equipamentos de transmissão via satélite.

Chen Yi, marechal e ministro dos Negócios Estrangeiros, de 70 anos, faleceu na capital depois de prolongada doença. Entretanto, é dada notícia da morte de Lin Piao (que fora indigitado sucessor de Mao Tsé-tung, actual senhor da China) num desastre de aviação em que também pereceram os seus familiares.

13 – *FILIPINAS*

A passagem do furacão *Kit* causou no país 150 mortos, 20 000

desalojados e milhões de pesos filipinos de prejuízos materiais.

14 – *VIETNAM*

O Vietcong (organização dos guerrilheiros vietnamitas que combatem os americanos e as tropas do Governo de Saigão) acusa os E.U.A. de terem provocado em 1971 o envenenamento de mais de 170 mil vietnamitas e a destruição de 475 mil hectares de florestas e arrozais no seu país, por causa da guerra química que movem ali.

15 – *PAQUISTÃO*

Mujibur Rahman, chefe do Partido Awami, que ganhou as eleições do ano findo no Paquistão Oriental (que desencadeou ali a recente crise: repressão militar, fuga em massa, invasão e ocupação indiana, formação da República Popular do Bangla Desh no território ocupado), foi libertado pelo presidente Ali Bhuto, com quem conferenciou antes de partir de Carachi para Daca, capital do Bangla Desh. Assumiu aqui as funções de chefe do Governo da nova república, já reconhecida pela Índia, Butão, Alemanha Oriental, Bulgária, Finlândia, Mongólia e Birmânia. Ali Bhuto, entretanto, declara-se pronto a entregar o Poder a Rehman se tal acto contribuir para a reunificação do Paquistão, enquanto é divulgado o ambiente corrupto em que o regime do marechal Yahya Khan governou o país. O marechal encontra-se sob detenção domiciliária, assim como as 22 mais poderosas famílias do país, cujos passaportes foram confiscados.

NA AMÉRICA

16 – *CHILE*

O Parlamento chileno, onde a democracia-cristã (oposição) detém a maioria, exigiu a demissão do ministro do Interior, Sr. Toha, invocando a ilegalidade de certos actos por ele determinados nos últimos meses. O presidente Allende, antes de tal facto ser submetido a discussão no Congresso, exonerou o Sr. Toha do cargo e nomeou-o ministro da Defesa. Entregou, por outro lado, a pasta do Interior ao Sr. Valdivia, que era ministro da Defesa, isto é, manteve os ministros trocando-lhes os cargos, demonstrando manter neles a sua confiança e discordar (apesar de a aceitar) da deliberação do Parlamento. Entretanto, os partidos da direita conservadora, da qual se aproxima a democracia-cristã, ganharam as eleições parciais para o Congresso.

17 – *ESTADOS UNIDOS*

Começam a receber-se em boas condições as fotos que a sonda *Mariner-9* faz do planeta Marte, depois de diminuídos os efeitos da tempestade de poeira que as dificultava.

A missão *Apolo-16*, para o sexto voo lunar, foi adiada para Abril.

Violentos motins raciais causaram mortos e feridos no Estado de Louisiana.

18 – *EQUADOR*

Foram apresados mais 2 barcos atuneiros americanos, o que perfaz o total de 54 desde o princípio de 1971, dentro do limite de 200 milhas imposto pelo Governo de Quito.

NA EUROPA

19 – *BÉLGICA*

A Europa dos Seis (ou Mercado Comum ou C.E.E. – Comunidade Económica Europeia) passou a Europa dos Dez, visto que a ela se associaram agora a Dinamarca, a Inglaterra, a Irlanda e a Noruega.

20 – *ITÁLIA*

O Governo demitiu-se e, depois de várias consultas, o presidente Leone encarregou o Sr. Colombo de formar novo Governo.

21 – *CHIPRE*

Ficarão aquarteladas em território cipriota algumas das forças inglesas evacuadas de Malta.

22 – *MALTA*

O Sr. Mintoff, chefe do Governo, exigiu a saída do seu país dos militares ingleses visto que o Governo de Londres se recusou a pagar-lhe uma renda anual de 105 000 contos pelo uso das bases que lá ocupavam, tendo proibido também a VI Esquadra dos E.U.A. ou forças de quaisquer países da O.T.A.N. de usarem o porto ou o aeródromo da ilha. Com vista a evitar a sua utilização por tropas do Pacto de Varsóvia, a O.T.A.N. acrescentou um contributo à proposta pecuniária da Inglaterra, o que não foi aceite por Mintoff nas recentes conversações em Roma.

23 – *ÁUSTRIA*

O terrorismo fez aqui a sua aparição com a descoberta de cartuchos de explosivos que alguém pretendeu fazer detonar perto de um banco de Viena.

24 – *DINAMARCA*

A herdeira da Coroa, de 31 anos, assumiu a chefia do Estado, por morte de Frederico IX, o rei marinheiro, tornando-se Margarida II, rainha da Dinamarca.

25 – *IRLANDA*

O Governo mandou regressar a Dublin as tropas do seu país pertencentes aos efectivos internacionais da O.N.U. que velam pela manutenção da paz entre as comunidades grega e turca de Chipre, alegando necessidade delas para reforço da sua fronteira com o Ulster (parte da ilha pertencente à Inglaterra).

26 – *INGLATERRA*

Tem piorado a situação no Ulster, onde aumentam os atentados e a repressão militar.

quarto de folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Continuando a publicação da série de problemas extraídos do «Scientific American», de Agosto de 1966, apresentamos mais quatro, cujas soluções daremos no próximo número.

13.º

Não se pode meter um ovo cozido, depois de descascado, pelo gargalo de uma garrafa de leite porque o ar que está dentro da garrafa o impede ou dificulta. Mas, se se meter um pedaço de papel ou algodão embebido em álcool a arder dentro da garrafa e se se puser imediatamente o ovo no gargalo para a mesma operação ele entrará fàcilmente porque o oxigénio é consumido na combustão e o volume de ar dentro da garrafa será reduzido, «sugando» o ovo para dentro. (Na realidade é a maior pressão exterior que o empurra.) Uma vez conseguido isto, põe-se, então, outro problema. Sem partir a garrafa nem danificar o ovo, como é que se poderá tirá-lo lá de dentro?

14.º

Um rapazito brinca com um barco de plástico, que flutua numa banheira com água. O barco está carregado com porcas e parafusos. A certa altura o miúdo tirou a carga do barco e lançou-a à água, ficando o barco a flutuar vazio. O nível da água subiu ou desceu?

15.º

Uma família saiu a dar um passeio de carro. A manhã estava fria e correram os vidros, ficando o carro completamente fechado. Um dos pequenos, no banco de trás, levava um balão cheio de hidrogénio que, preso pelo fio, flutuava no ar, um pouco abaixo do tejadilho do carro. Quando o carro acelera, o balão fica onde está, vai para a frente ou vai para trás? Como é que ele se comporta quando o carro faz uma curva?

16.º

Imagine-se que um dia seria possível escavar o interior de um asteróide ou de uma lua a fim de o usar como estação espacial. Partamos do princípio de que esse asteróide é uma esfera perfeita, sem rotação, e que, após a escavação, as paredes ficam com espessura constante. Um objecto situado no interior dessa coroa esférica, perto da parede, será atraído pelo campo gravítico da coroa esférica para o centro do asteróide, para a parede ou ficará a flutuar no mesmo sítio?

O. Lemos

TESTE DE CULTURA

LITERATURA

1 – Quem escreveu a «Divina Comédia»?

2 – Qual foi o protagonista duma comédia que lutou contra moinhos de vento?

3 – Indique o título de uma obra de Dostoiewski.

4 – Cite uma novela de Gustavo Flaubert.

5 – Diga o nome de um poeta alemão.

Compilado por F. Bastos, 2.º gr. RM

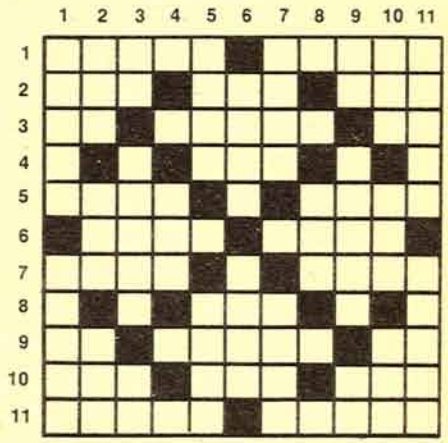
(Solução na página n.º 34)

ILUSÕES DE ÓPTICA

Procure uma nota de 20$00 e uma moeda de 10 centavos de alumínio. Coloque a moeda sobre a nota, ao centro. Olhando a moeda e o número de ordem da nota imagine quantos algarismos poderá ela tapar. Depois coloque a moeda sobre o número e verifique se tinha razão.

PALAVRAS CRUZADAS

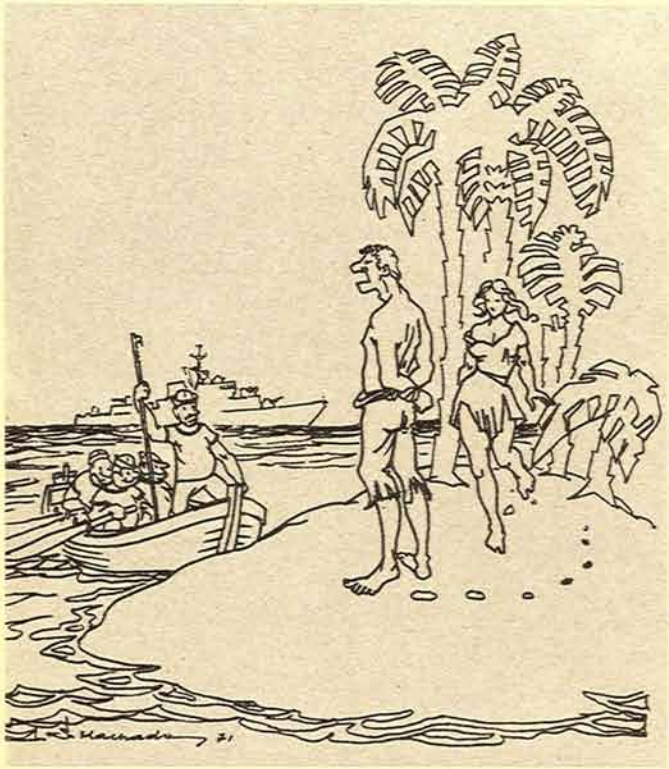
(Passatempo n.º 5)



Horizontais: 1 – Lançar o fumo; obeso. 2 – Grande ave ratite; olá; ruído. 3 – Apelido; a menor porção de um elemento que pode participar numa reacção química; popa. 4 – Ainda. 5 – Aversão; motejo. 6 – A voz do lobo; neste dia. 7 – Nome de mulher; camada inferior da sociedade. 8 – Flanco. 9 – Antigo ditongo; nome de mulher; apelido. 10 – Período de vinte e quatro horas; adore; chega. 11 – Restos mortais; ligação.

Verticais: 1 – Comemoração; com asas. 2 – Única; ponto cardial; aqui estão. 3 – Ruim; azedo; campeão. 4 – Ovário de peixe. 5 – Rumo; altares. 6 – Lugar onde se arremata o peixe; acolá 7 – Solta lamentos; aro. 8 – Maior. 9 – Réis (abrev.); arrastar; siga. 10 – Sofrimento; bílis; prep. indicativa de carência. 11 – Letra grega; inspecção.

(Solução na página n.º 34)



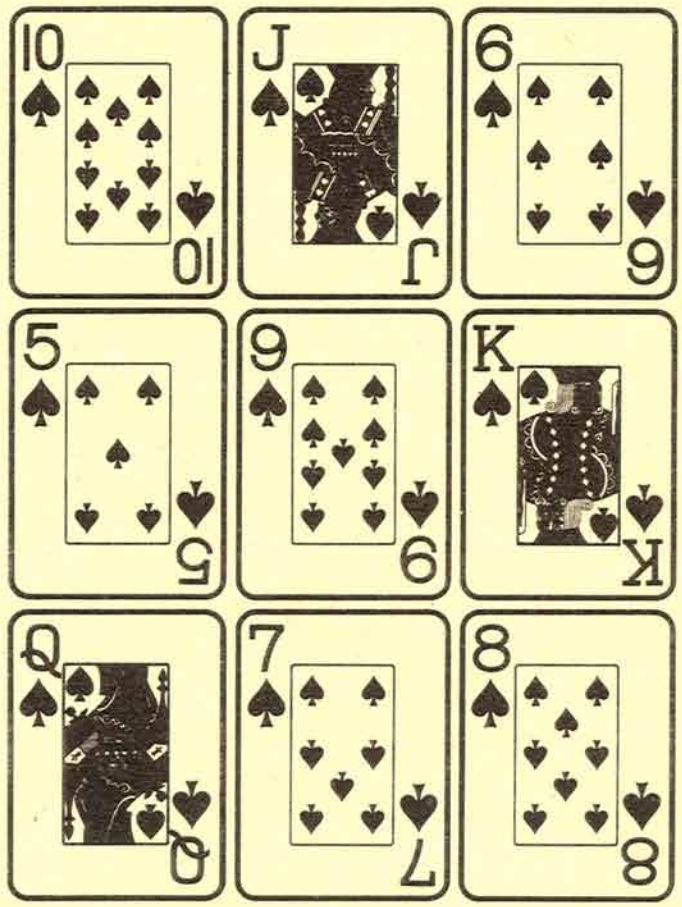
– Não é que realmente eu me importe de ser salvo. Mas sabe, é que ainda não há meia hora que tínhamos alcançado esta ilha...

Manobra de atracar. *Desenho do comandante Augusto Soares de Oliveira.*

CONCURSO N.º 5

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

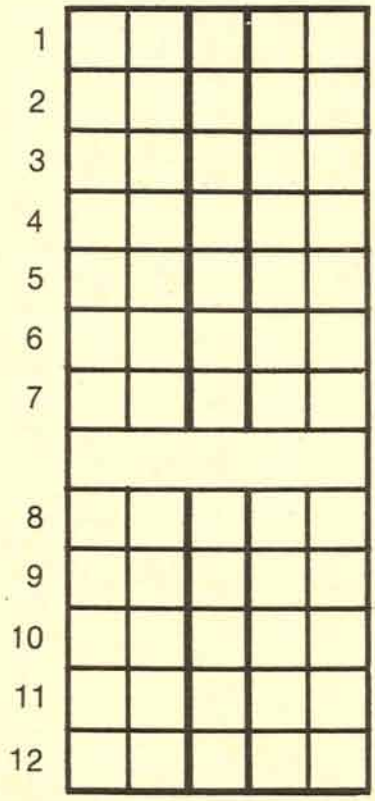
ARRANJO DE CARTAS



No arranjo de cartas da figura, a soma de todos os valores, quer em linhas verticais quer em linhas horizontais, ou diagonais, é constante e igual a 27. Neste cálculo, o valete vale 11, a dama vale 12 e o rei vale 13 pontos. Cada uma das outras cartas tem o valor numérico que possui no naipe.

Admitindo que se podem empregar em arranjos semelhantes de 9 cartas todas as cartas do baralho, e de todos os naipes, e com cartas de igual valor repetidas no mesmo arranjo, pretende-se saber qual será o arranjo em que a soma de cada coluna, linha ou diagonal representa o valor mais elevado.

PILHA DE PALAVRAS



1 – Cabo.
2 – Desenho a cores.
3 – Pertencer.
4 – Ilha grega.
5 – Mapa.
6 – Restos de uma vela.
7 – Ciumenta.
8 – Coador.
9 – Buracos.
10 – Cosmético.
11 – Comunicação estreita entre dois mares.
12 – Domicílios.

Depois de resolver este passatempo, o leitor encontrará na coluna central o nome de um célebre oficial de Marinha e explorador português, autor da obra «De Angola à Contracosta». Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «C».

(Solução nesta página)

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Apresentamos as soluções dos problemas postos no número anterior:

9.º – O nível da água fica o mesmo. Um pedaço de gelo flutua ùnicamente porque a água que lhe deu origem aumentou de volume durante a cristalização. O peso da água que o formou ficou o mesmo. Como um corpo flutuante desloca um volume de água equivalente ao seu peso, o cubo de gelo, uma vez derretido, fornece a mesma quantidade de água que havia deslocado.

10.º – O acrobata, em primeiro lugar, ata as duas extremidades das cordas uma à outra. Trepa pela corda A até ao tecto e corta a corda B, deixando comprimento suficiente para fazer com ele uma aselha junto ao tecto. Depois suspende-se nesta aselha passando um braço por ela e corta a corda A rente ao tecto (tendo o máximo cuidado em não a deixar cair, caso contrário, será «a morte do artista»...). Passa a ponta da corda A pela aselha e puxa-a até o nó lá chegar. Então desce pela corda dupla e quando estiver no chão puxa uma das extremidades. Desta forma, conseguirá roubar, pràticamente, todo o comprimento das duas cordas, com excepção do que foi necessário para fazer a aselha.

11.º – A extremidade da sombra de um homem que passa por baixo de um candeeiro de iluminação de uma rua anda mais depressa que a pessoa, mas mantém uma velocidade constante independentemente do seu comprimento.

12.º – Uma certa quantidade de água correrá pela primeira volta da mangueira para cair no fundo da volta seguinte, formando-se uma bolha de ar (ou caixa de ar, se quiserem). Esta bolha de ar impede que possa entrar mais água na primeira volta da mangueira.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do passatempo n.º 4)

Horizontais: 1 – Vais; uvas. 2 – És; ermos; ia. 3 – Aduelas. 4 – Assam; evoca. 5 – Isso; saca. 6 – Até; aia. 7 – Isco; adir. 8 – Cotas; virar. 9 – Ossuoso. 10 – Ra; saras; im. 11 – Orça; erra.

Verticais: 1 – Vela; caro. 2 – Ás; sítio; ar. 3 – Assesto. 4 – Sedas; cassa. 5 – Rumo; Ossa. 6 – Ame; uro. 7 – Olés; Avoá. 8 – Usava; disse. 9 – Socairo. 10 – Ai; caíra; ir. 11 – Sara; rima.

(Solução do passatempo n.º 5)

Horizontais: 1 – Fumar; gordo. 2 – Ema; olé; som. 3 – Sá; átomo; ré. 4 – Até. 5 – Asco; mofa. 6 – Uivo; hoje. 7 – Alda; ralé. 8 – Ala. 9 – Ae; Irene; Sá. 10 – Dia; ame; vem. 11 – Ossos; liame.

Verticais: 1 – Festa; alado. 2 – Uma; sul; eis. 3 – Má; ácido; ás. 4 – Ova. 5 – Rota; aras. 6 – Lota; além. 7 – Geme; anel. 8 – Mor. 9 – Rs; rojar; vá. 10 – Dor; fel; sem. 11 – Ómega; exame.

TESTE DE CULTURA *LITERATURA*

1 – Dante.
2 – D. Quixote.
3 – «O Jogador».
4 – «Madame Bovary».
5 – Schiller.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Corda. 2 – Cromo. 3 – Caber. 4 – Creta. 5 – Carta. 6 – Cotos. 7 – Ciosa. 8 – Crivo. 9 – Covas. 10 – Creme. 11 – Canal. 12 – Casas. (Roberto Ivens)

DO CONCURSO N.º 4

São DIAMANTES o material utilizado na reprodução do aviso «Bartolomeu Dias».

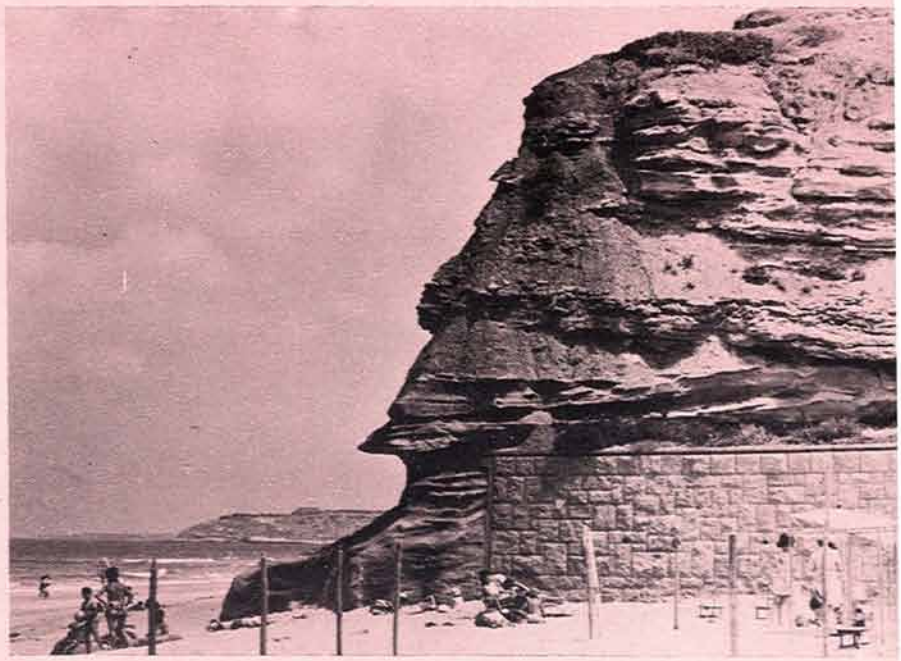
Vencedor: Mário Vaz Gil
Sarg. aj. L

...ONDE A TERRA ACABA E O MAR COMEÇA...

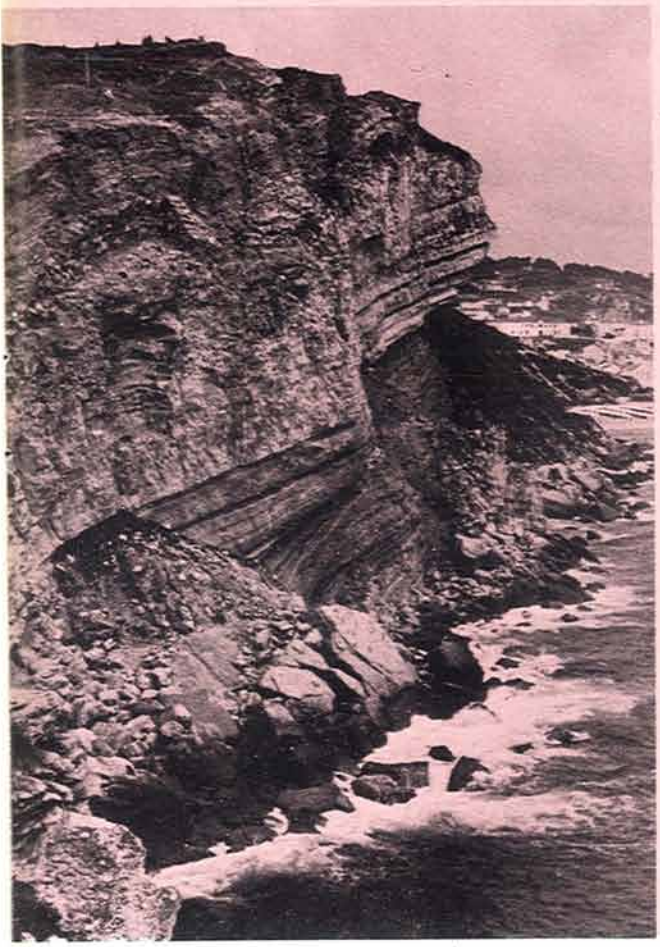
Fotos de L. C. Gaspar, subten. R.N.

Aspectos da erosão marinha no litoral português

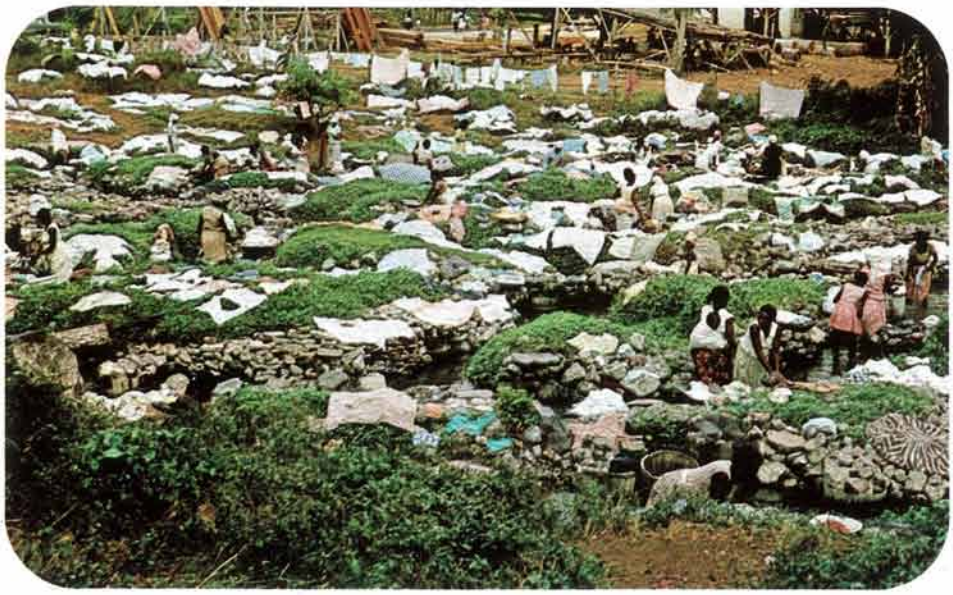
Areia Branca



Nazaré



Guincho



S. TOMÉ

Lavadeiras
(Foto do cap.-ten. EMQ A. Andrade)

ANGOLA

Barragem de Cambambe
(Foto do cap.-ten. EMQ A. Andrade)

CABO VERDE

S. Vicente - Monte da Cara
(Foto do cap.-ten. EMQ A. Andrade)